



A
NOITE
DEVOROU
O
MUNDO

Pit Agarmen

ROCCO EDITORIAL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.us](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Pit Agarmen

A

NOITE

DEVOROU

O

MUNDO

Tradução de Carlos Nougué

ROCCO ITALIA

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

8 de março

9 de março

10 de março

13 de março

14 de março

15 de março

16 de março

21 de março

24 de março

28 de março

30 de março

3 de abril

5 de abril

6 de abril

7 de abril

12 de abril

13 de abril

19 de abril

25 de abril

27 de abril

1º de maio

5 de maio

7 de maio

12 de maio

14 de maio

16 de maio

24 de maio

25 de maio

28 de maio

1º de junho

4 de junho

9 de junho

10 de junho

12 de junho

14 de junho

25 de junho

29 de junho

1º de julho

5 de julho

10 de julho

12 de julho

14 de julho

15 de julho

16 de julho

17 de julho

21 de julho

24 de julho

25 de julho

27 de julho

29 de julho

1º de agosto

2 de agosto

3 de agosto

8 de agosto

Agradecimentos

Créditos

O Autor

Somos dois abismos frente a frente.

Fernando Pessoa

Do yourself a favor: become your own savior
And don't let the sun go down on your grievances.

Daniel Johnston

Tudo começou no último primeiro de março. Encontrava-me certa noite numa celebração em Pigalle, na qual, à exceção de Stella, a anfitriã, eu não conhecia ninguém. Eu perambulava entre os convidados e as mesinhas cheias de bebidas e de aperitivos. O local era ideal para uma crise de agorafobia. O apartamento poderia encher as páginas de uma revista de decoração: radiadores de ferro, assoalho de carvalho, quadros contemporâneos — além de pôsteres originais de bandas de rock dos anos 1970 —, coleção de vinis de Bach, estantes de livros na maioria das paredes e pequenas estátuas de vidro colorido em formato fálico. Adesivos de associações humanitárias e de refrigerantes cobriam as paredes dos banheiros. Ali tudo era de bom gosto e equilibrado entre o classicismo e a cultura pop.

Stella era pianista. Havia-a encontrado na época em que eu escrevia roteiros para a soap opera televisiva (publicaria meu primeiro romance alguns anos depois) que me permitiu sobreviver por um momento: O amor em repetição. Ela era casada com o produtor da série. Desde que Noémie me havia deixado, permiti-me imaginar que algo poderia acontecer entre nós. Tínhamos simpatizado um com o outro durante um coquetel. Era uma típica jovem da burguesia parisiense, fascinada pelos decadentes e pelos fascistas, mas de esquerda, de todas as manifestações e de todos os combates. Possuía a capacidade de ir em direção aos outros sem tropeços e de se entender com qualquer pessoa. Íamos ver exposições e velhos filmes, ficávamos vasculhando as bibliotecas em busca de livros de poesia (os quais eu lia, com os olhos cheios de lágrimas, em minha cama enquanto bebia um Bourbon). Havia tudo de uma relação amorosa, a não ser pelo fato de que não dormíamos juntos. Sua companhia me permitia habituar-me novamente a uma presença feminina. Stella não me julgava porque eu era pobre; simplesmente a questão de uma relação comigo nunca lhe ocorreu. Eu não ficava com raiva dela por isso. Além disso, eu ainda não estava curado de minha última história de amor com uma moça que me deixara por causa de outro homem. Ao lado dele, nada encontrou senão tédio e jogos de futebol na televisão.

O novo disco de Stella havia sido lançado (uma interpretação das Variações Goldberg em duo com um tocador de teremim), e ela queria festejá-lo com seus 72 melhores amigos.

Era um mundo diferente do meu. Uma multidão de rapazes e de moças elegantes, capazes de rir com uma taça de vinho na mão, fazendo-se crer que estavam do lado do povo. Davam a impressão de ser boa companhia, mas eu sabia quem eram: eram assassinos, arrivistas social-democratas, audaciosos sentimentais no topo da cadeia alimentar. Comparado a eles, eu era um doce ingênuo. Mas não estava nem aí. Minha energia se dirigia para a escrita, para esses 24 livros que adquiriram poeira nas prateleiras que ficam nos fundos das livrarias de ocasião, mas que são estimados por mulheres de todas as idades, inquietas e perdidas, que ainda acreditam que o verdadeiro amor existe.

Eu havia procurado um aliado para esta festa, mas foi em vão. Um sujeito de minha idade me pareceu um cúmplice potencial: sentado, sozinho, perdido em seus pensamentos,

uma taça colocada diante dele. Vestia uma gravata malva de poliéster, tinha costeletas e usava óculos de metal bem pequenos. Eu havia iniciado a conversa falando-lhe da lista, publicada pelo New York Times, dos cantores mortos naquele ano. Mas ele me ignorou; eu não representava mais que uma mancha em seus óculos. Depois depusitei minha esperança num casal tímido, encurrulado atrás de um piano de cauda cujo verniz estava tão impecável que era possível nos vermos nele. Mas as ideias deles poderiam ter ganhado as olimpíadas do consenso. Haviam-se formado pequenos grupos, como se os pedaços de ferro-velho no coração dos homens e das mulheres os tivessem imantado. Pequenas galáxias sociais de três, quatro, seis ou sete planetas. Eu permanecia sozinho com meu copo de Porto na mão. É claro que eu teria podido embebedar-me e integrar-me a um desses grupos. Mas isso teria sido abdicar. Preferi exilar-me na pequena biblioteca no fundo do apartamento com uma garrafa de um velho uísque sob o braço.

Os convidados amontoaram seus casacos no sofá e suas bolsas no chão. A biblioteca me fazia lembrar que se por um lado Stella tinha um gosto deplorável na escolha de seus amigos, por outro compartilhávamos as mesmas paixões literárias. Não era a biblioteca principal, mas a anexa. Ali se podiam encontrar ficção científica, dicionários, livros de entomologia e — surpresa! — a coleção completa de meus 24 romances. Alegria e orgulho de ver Antoine Verney impresso na lombada. Abri alguns. Não haviam sido lidos: nada de páginas com orelhas, e nenhum traço de dobras na encadernação. Estavam imaculados. Havia uma dedicatória em cada exemplar, mas nem Ruborizar-se pelo prazer, nem O amor comoção, nem nenhum outro de meus livros trazia sequer uma das clássicas marcas que poderiam indicar que havia sido lido. Stella havia ignorado meus romances. Não há dúvida de que ela não tenha lido nem sequer minhas dedicatórias carregadas de ambiguidades sexuais.

Sentei-me sobre a montanha de casacos e bebi. Bebi como nunca. Cada gole havia de lavar-me de todas as sujeiras daqueles últimos anos: a ruptura, a pobreza, o isolamento social, a ausência de reconhecimento. Cada copo havia de curar-me.

* * *

Despertei oito horas depois. O dia começava a nascer, uma manhã de inverno azul e luminosa. Alguns estorninhos passavam pelo peitoril da janela que dava para um pátio minúsculo (cuja única função era receber os ductos de ar e os desaguadouros da água utilizada). A hera das paredes cinza subia até o teto.

Eu já não ouvia conversas, mas os casacos dos convidados ainda repousavam sobre o sofá. Era estranho. Imaginei que Stella e seus amigos deviam estar jogando algum jogo silencioso da alta sociedade; ou então que um poeta anorético estivesse murmurando sua última obra sobre o deserto de seu coração. Eram oito horas, e eu estava com a boca ruim, com gosto de madeira. Um burburinho vago chegava até mim, mas vinha do exterior.

Não sem inquietude diante do espetáculo desolador que esperava descobrir, dirigi-me para a sala apoiando-me na parede. Eu não estava em bom estado. Alisei os cabelos, alisei a camisa com a palma da mão e verifiquei o hálito (não estava terrível).

Havia um cheiro esquisito. Não era a mistura habitual de maconha, tabaco, perfume,

suor e vinho. Espirrei no momento em que entrava na sala. O vermelho cobria tudo. Lancei o olhar para o chão, para as paredes: vermelho, vermelho, vermelho. Não compreendia aquilo. Estava estupefato, perplexo, perdido. A realidade do que eu via não tardou a saltar-me aos olhos: era sangue. A seu odor misturavam-se os resíduos de excrementos e de sucos gástricos.

Vomitei. E, quando me dei conta de que havia vomitado sobre um corpo sem cabeça, vomitei mais ainda, como se quisesse livrar-me de meus órgãos internos; desaparecer, esvaziando-me. Afastei-me. Tossi por vários segundos. Reabri os olhos. Meus pés se encharcavam de sangue. Um gongo explodiu em minhas têmporas. Meus ouvidos começaram a zunir. Eu tinha a impressão de estar com a cabeça debaixo d'água, os tímpanos prestes a explodir.

Havia ocorrido um massacre. Era certo que muito mais de uma pessoa havia sido assassinada, mas não havia outros cadáveres. Por que a polícia não estava ali? Eu me agarrava ao ilogismo da situação para não soçobrar numa crise de terror. Algo estava errado. Não fazia sentido. Havia ocorrido uma hecatombe, mas os corpos haviam sido levados. Meu cérebro começou a funcionar. Analisei. Pensava para não desmoronar. Pensava em como se fixa o parapeito de uma embarcação para que não seja carregado por uma onda monstruosa.

Lutaram na sala, na cozinha e no corredor. Eu percebia que a entrada do banheiro e os azulejos estavam vermelhos. Impressões ensanguentadas de dedos e de mãos cobriam as paredes da sala e as portas, os pôsteres, as teclas brancas do piano, os objetos de arte, os livros: parecia obra de um decorador sob a influência de LSD.

Havia cabelo misturado ao sangue e, ao que me parecia, pedaços de pele e de carne humanas. Facas estavam espalhadas pelo chão, copos em pedaços, garrafas quebradas que haviam servido de arma. Para atacar? Para defender-se?

Meu primeiro reflexo — puro instinto — foi verificar se a porta de entrada estava bem fechada. Não estava. Coloquei a corrente de segurança. Com o coração batendo forte e armado de uma grande faca de cozinha, verifiquei todos os cômodos. Não havia ninguém.

Dirigi-me à porta-janela que dava para a sacada. O sangue tinha começado a secar, a sola de meus sapatos grudava quando deixava o chão. Eu me concentrava no dia que amanhecia, nos telhados dos imóveis de Montmartre, nas pás do Moulin-Rouge, que respondiam às do Moulin de la Galette.

Abri a porta-janela para respirar ar fresco, encontrar uma pequena pausa. Meus ouvidos se desentupiram de uma vez, como se tivesse havido uma mudança brusca de pressão. Foi então que compreendi que a vidraça dupla e minha surdez temporária me haviam protegido do horror verdadeiro.

Sirenes, buzinas, berros, tiros e gritos de terror rasgavam o ar.

Fui à sacada com prudência. Pessoas corriam. O Bulevar Clichy estava cheio de carros acidentados. Entre estes carros, homens comiam outros homens. Arrancavam-lhes pedaços de carne com os dentes, desmembravam-nos e enfiavam os dedos em suas entranhas. Eram devorados.

Era uma alvorada doce e ensolarada de um inverno que caminhava para o fim. Eu tinha na boca o gosto de madeira, e as pessoas se massacravam diante de meus olhos: muitas

peças. Helicópteros passavam no céu como se estivéssemos em guerra. Um carro de polícia parou com uma derrapada; alguns policiais desceram e atiraram contra os agressores. Mas as balas não os faziam parar. O cheiro da pólvora subia até mim e incomodava meu nariz como pimenta.

Eu distinguia aqueles que queriam fugir daqueles que os queriam agarrar. Havia dois campos distintos.

Você está numa sacada e se dá conta de que assiste a um filme de terror. Só que agora é real. Todos os filmes que você já viu voltam à memória, e você compreende que não se trata de um sonho e que finalmente o terror se dá à luz do dia: os zumbis estão ali, embaixo de você. Zumbis. Não devia haver hesitação. Desde os primeiros segundos, percebi que não se tratava de psicopatas ou de terroristas, mas de criaturas de natureza completamente diferente. Como se chamam aqueles seres que não se detêm nem após ser atingidos por uma dezena de balas no corpo e que confundem as pessoas com sanduíches? A resposta é evidente. Não sou do tipo que tapa o sol com a peneira. Tenho um lema desde a infância: quando se pensa no pior, frequentemente se tem razão.

Não entrei em pânico. Era pavoroso demais para que pudesse entrar em pânico. Entrei em pânico por coisas que se conhece: uma aranha, uma prova, uma jovem que enfia na cabeça que deve fazer você descobrir as alegrias do orgasmo prostático já no primeiro encontro. Mas aquilo lá era alucinante. O real ultrajado imobilizava minha razão. Eu tinha apenas duas escolhas: ou cair na loucura ou manter a calma e sair dali. A loucura teria sido uma escolha mais razoável.

Fechei novamente a porta-janela: os gritos e os tiros me impediam de pensar. A vidraça dupla abafava em parte o barulho. Disquei o número de emergência. O telefone não funcionava. Mesmo assim, disquei o número de meus pais e depois o de Noémie, mas sem sucesso. Todo o mundo estava ligando para os bombeiros e para a polícia. Remexi nos armários em busca de armas. Apesar de os policiais não conseguirem nada com seus próprios revólveres, pareceu-me a única coisa racional a fazer. Meus sapatos grudavam no sangue e faziam um barulho horrível a cada passo. Eu evitava olhar para aquilo. Estava concentrado na única tarefa de sobreviver. Tendo visto o que acontecia na rua, teria sido uma má ideia sair dali.

Havia duas Holland & Holland no fundo do guarda-roupa.

Joguei um cobertor na mesinha da sala coberta de sangue e coloquei as espingardas e três caixas de cartuchos sobre ela. Não tinha a destreza de recarregar rapidamente após cada tiro. Eu precisava de outras armas. Esvaziei os armários, abri as gavetas, revirei as caixas de sapato e encontrei certa quantidade de cocaína e de ecstasy, notas promissórias, talões de cheque, maços de dinheiro, mas nada de armas. Arrombei a gaveta da escrivaninha. Finalmente um revólver automático.

Precisava de mais. Eu havia sido tomado por um furor por armas. Queria um arsenal. Fui até a cozinha. O sangue nos azulejos brancos transformava o cômodo em pista de patinação; quase caí várias vezes. Facas, facões, um aerosol e um isqueiro se reuniram na mesinha de centro. Estava espantado com minha capacidade de reação. Mas era

absurdo. Esse acúmulo de armas não fazia sentido. Eu não iria defender-me com um facão de uma multidão de zumbis. As únicas armas que poderiam ter utilidade efetiva seriam uma bomba, granadas e uma metralhadora: armas de guerra e não armas de caça e utensílios de cozinha.

Voltei para a sacada. Outros policiais tinham aparecido. Eles atiravam. As balas atravessavam os agressores por todos os lados, e eles continuavam a caminhar. Acreditei que fossem invencíveis até o momento em que um policial alojou uma bala na cabeça de um daqueles monstros. Ele parou, depois desabou. Como nos filmes, os zumbis tinham um ponto fraco: o cérebro. Lá embaixo, os policiais, exaustos e em pânico, não haviam compreendido isso. Debrucei-me e gritei: "Atirem na cabeça!" Mas não me ouviam. Deixaram-se pegar. Os zumbis os mordiam, arrancavam-lhes a face, abriam-lhes o ventre. Os sobreviventes batiam em retirada. Fiquei observando. Vi os policiais que haviam sido mortos — parcialmente retalhados — levantarem-se e seguirem a massa cada vez mais numerosa de canibais. Não havia dúvida de que esse havia sido o destino dos convidados da festa.

Pensei em Stella, em meus pais, em Noémie, nos amigos Michel e Lucia, que estavam de férias na Bretanha, e em algumas pessoas que eu conhecia. Rezei para que estivessem a salvo.

Aviões de combate e helicópteros passavam ao longe, nas nuvens. O ar estava carregado de eletricidade.

Reentrei no apartamento e liguei o rádio. O que havia era o caos no mundo inteiro: Nova York, Tóquio, Bamako, Moscou, Pequim. Na internet, um espetáculo de guerra civil se desenrolava sem cessar. Os jornalistas se excitavam em seus microfones, as câmeras filmavam cenas horríveis: imagens e sons davam uma visão confusa e febril do que acontecia.

Uma coisa me ocorreu claramente: era necessário que eu ocupasse a mente; por exemplo, que eu construísse um local de proteção para não entrar em pânico. Então fiz a coisa mais prosaica do mundo: faxina. Arrastei o corpo sem cabeça para a biblioteca nos fundos do apartamento. Com esfregões, flanelas e panos, lavei a sala, a cozinha e o banheiro. Enxuguei e desinfetei; esfreguei até riscar o assoalho. Depois joguei pela janela panos e guardanapos, esponjas e flanelas. Ao fim de três horas de arrumação intensiva, havia ainda marcas pardas nas paredes, mas a sala agora podia ser ocupada. A morte tinha ficado do lado de fora. Aqui dentro, eu estava protegido.

No fim do dia, os jornalistas anunciaram que o exército havia conseguido criar praças-fortes e fortificações com tapumes, arame farpado e tanques. Éramos convidados a ir até elas. Eu sabia que isso não duraria senão um instante. Eles iriam esmagar os militares e policiais. Além disso, a maior parte destes, sem dúvida, já tinha desertado para proteger a própria família. E, depois, a loucura do lado de fora não permitia que nos dirigíssemos a tais abrigos ilusórios. Não deixo o apartamento em hipótese alguma.

Dia após dia, as notícias se tornaram cada vez mais sombrias. Nem um país do mundo havia sido poupado. Especialistas falavam de uma contaminação pelo ar, vinda do espaço ou de uma fonte terrestre de onde fora carregada pelos ventos. Poucas pessoas foram diretamente contaminadas, mas estavam em todos os lugares, em cada cidade. Era o

suficiente para desencadear a epidemia.

Pouco tempo depois, já não vi helicópteros nem aviões no céu. Não era pessimista dizê-lo: perdemos a guerra.

Recuperei o controle depois de dias de prostração e de depressão. Não peso agora mais que dois terços de meu peso normal. O apartamento cheira a ambiente fechado e a suor. Há embalagens de conserva vazias e caixas de bolo espalhadas pelo chão. Vivo num chiqueiro. É hora de recuperar-me.

Um novo mundo se inicia. Nasceu uma nova América, e nós somos os indígenas.

De quando em quando, vejo pessoas correrem no bulevar ou avançarem prudentemente, escondendo-se atrás dos carros. Nunca vão muito longe. De todos os lados, os zumbis caem em cima delas.

Um homem numa moto zigzagueia entre os carros acidentados e os zumbis. Ele derrapa, e sua moto vai ao chão num jorrar de faíscas. Eles afluem de todos os lados e se jogam sobre ele. Suas roupas são arrancadas, depois sua pele, o vermelho se espalha por todo o seu corpo. Eu observo fascinado; quero desviar os olhos, mas não consigo. Os zumbis o devoram; seus dentes arrancam pedaços de pele com uma facilidade desconcertante. Apenas o rosto do homem, protegido pelo capacete, permanece ileso.

* * *

Há um casal num apartamento do outro lado do bulevar, bem de frente para o apartamento de Stella. Seu filhinho aperta um macaco de pelúcia contra si. Nós fazemos sinais uns para os outros. Eles escreveram num cartaz: "Temos de ir embora. Venha conosco. Vamos pegar um carro." Eu apanho um pôster numa moldura e escrevo no verso: "Não. Perigo." Não devemos fugir. É um erro. Não me dão ouvidos. Eu os vejo encher uma mala. Descem. A mãe tem o filho nos braços. Estão loucos; isso não faz sentido. Apenas o homem sai, avança para a calçada diante do prédio. A mulher e a criança esperam um pouco recuadas. O homem levanta os braços e grita na direção dos zumbis. Eu compreendo: ele vai desviar a atenção deles. Os zumbis o veem e se dirigem para ele com uma lentidão apavorante. Ele atravessa a rua e para diante do Moulin-Rouge. Nesse ínterim, sua esposa, com o filho nos braços, precipita-se para um velho Volvo azul estacionado um pouco mais distante. Suas mãos tremem; ela tem dificuldade de enfiar a chave na fechadura. Finalmente consegue e entra no carro. Tenta pôr o cinto no filho, mas sem sucesso. O homem não vê os três zumbis que se aproximam dele por trás, pois está muito ocupado em atrair os que se arriscam a ir em direção ao Volvo. Eu lhe grito para que se vire; tento avisá-lo com todas as minhas forças. Não posso atirar nos zumbis, pois correria o risco de matar o homem. Ele não me ouve. Seu rosto se petrifica de surpresa quando um zumbi fecha os dentes em seu braço. Ele se debate e o empurra. Seu braço sangra, uma mancha vermelha cresce na manga azul. Ele grita algo para a esposa e o filho — sem dúvida um adeus e palavras de amor — e se põe a correr na direção da Praça Clichy. Ele sabe o destino que o espera e não quer transformar-se perto daqueles que ama. A mulher grita ao ver o homem partir, e de repente o carro começa a andar. O garoto parece falar ao ouvido de seu macaco. A mãe dá meia-volta, atropela uma lixeira, evita um carro de polícia esmagado contra um poste e parte em alta velocidade. Ela partiu dali. Meu Deus. Mas, um instante depois, há um barulho de derrapagem e o som de uma vitrine que se quebra. Tenho a impressão de que pedaços de vidro se cravam em meu cérebro. Aperto a espingarda contra mim tal como uma criança aperta uma boneca.

Os que conseguirem escapar incólumes serão cada vez mais raros; não alimento ilusões. Em nenhum momento estivemos a ponto de repelir os monstros. Assisto ao espetáculo de cócoras na sacada.

O mundo é a face da morte, mas multiplicada milhares de vezes; perdi-me numa daquelas horríveis casas dos espelhos típicas dos parques de diversões. Os zumbis se assemelham a células que vemos reproduzir-se sob um microscópio: o crescimento deles é exponencial. Certas vítimas são comidas; outras, que são feridas e mordidas, se transformam. Tive a impressão de assistir à solução de um problema matemático: fazer criaturas inumanas com seres humanos é muito simples e muito lógico. Funciona sempre.

Eles não dirigem carros, não compram roupas e não falam ao telefone celular. São a multidão desordenada e assassina. Bolsas se espalham pelo chão, e também óculos; jornais voam das bancas pelos ares e ninguém os recolhe. Não se fará uma faxina.

A morte está diante de mim, sinto sua presença física: estou em seu território. Não sairei dele. Em certos momentos, estou paralisado de tal forma, que me esqueço de respirar. Minha cabeça gira, e percebo que minha boca está fechada, que meu coração bate lentamente. Retomo o fôlego, e o choque me faz tossir e tremer. O que está acontecendo me destrói e me reduz a migalhas. Sou obrigado a cravar as unhas na pele, a morder o interior das bochechas para me lembrar de que ainda estou vivo. Mas o que quer dizer "ainda estar vivo"?

A morte se tornou a atmosfera do mundo. Ela não é aquilo que chega, mas aquilo que está aqui. Meu corpo inteiro grita de terror. O espírito está rasgado ao meio, o sangue de minha consciência se está derramando. A morte adere a mim, toca-me, apalpa-me, insinua-se em minha intimidade. Eu gostaria de não ser nada.

O mais duro é não saber em que se transformaram os que eu amo. Eles não são numerosos; meu coração é um deserto. A conjunção de minha não sociabilidade, de minha timidez e de minha moral dá o porquê de eu ter poucos amigos. Meus pais moram no sul de Nantes, em Rezé. Espero que tenham conseguido salvar-se; mas como o teriam feito? As informações dadas no rádio, enquanto ele funcionava, eram claras: os zumbis tomaram o controle, trata-se de uma pandemia mundial; eles são milhões, dezenas de milhões. Cada ferido se transforma num zumbi, que, por sua vez, contamina outros. É verdade que minha mãe é uma faz-tudo e que meu pai é paranoico. Mas será que eles fazem parte dos ilesos? Será que são daqueles que construíram um abrigo para si? Eu queria acreditar nisso. Aposto que meus pais quiseram ajudar vizinhos e desconhecidos, humanistas que são. Devem ter tentado organizar a resistência e socorrer os feridos. Mas resistir a isso? Quanto a Noémie e seu namorado, em seu apartamento da Bastilha, imagino que estejam entre as primeiras vítimas. Ele é exatamente o arquétipo do arrogante seguro de si. Deve ter entrado em seu carro grande com Noémie nos braços, e devem ter ficado presos nos congestionamentos. Mortos, então, oferecidos como bento. Eis o que põe fim a meus restos de afeição por aquela que foi por cinco anos a mulher de minha vida.

Que aconteceu com Michel e Lucia, meus dois únicos amigos? Michel é enfermeiro, e Lucia é desenhista de livros para crianças, os seres mais doces do mundo. Recebiam-me toda semana para jantar ao redor da mesinha de centro do apartamento popular no 19º arrondissement. Encontraram um meio de sobreviver? Espero que sim, de todo o coração.

A pandemia atingiu sem distinção os bons e os maus, os amáveis e os egoístas. É a confusão. Penso em Sonia, a assistente da diretora da editora Pégase, com quem tomei um café assim que passei na Odéon; flertávamos gentilmente. Seus sorrisos, sua elegância, seus óculos orlados de vermelho e sua luminária em formato de abóbora. Véronique, a revisora que me acompanhava desde o início, juiz último de meu trabalho, que contribuía comigo tanto quanto um editor. André, o gerente do bar perto de minha casa que pagava cafés. Começo a perceber que eu não era tão solitário assim: estava rodeado. Eu dizia com frequência: "Não conheço ninguém." Não era verdade. Eu não era sociável, ficava um quarto de hora nas festas para as quais era convidado. Mas gostava de algumas pessoas e era apreciado. Teria gostado de dizer isso a elas. O rosto de minhas primas, de meus tios e tias e de minhas avós passava por minha mente.

Não é o bastante ter de aceitar o fim da humanidade, é necessário que eu aceite o desaparecimento de pessoas pelas quais nutro carinho e de algumas cuja importância em minha vida eu ignorava. Saber que talvez se tenham tornado monstros. Meu cérebro engolia isso com dificuldade. Eu os imagino agora animados de um furor criminoso, simples soldados do exército dos mortos-vivos, e então choro. Mas estou demasiadamente cheio de pensamentos e de terror para desabar completamente.

A morte deles não me parece tão injusta como se tivessem perecido num acidente de carro ou por causa de um câncer. Morreram como todo o mundo. Por mais louco que isso possa parecer, é normal. Eu é que sou anormal. Teria querido morrer com eles. Teria

querido ser levado e caminhar ao lado deles.

A noite é um espaço-tempo em que o terror se sente à vontade. Ele reina e crava suas garras em nosso cérebro. Nas primeiras noites, permaneci colado à porta, espingarda na mão, em tal estado de tensão, que tinha a impressão de que iria enlouquecer, espreitando o menor barulho no corredor. Por diversas vezes, estive a ponto de voltar a espingarda contra mim mesmo para fazer pararem as coisas insanas que se desenrolavam do lado de fora.

A escuridão não é total. Clarões de armas atravessam o céu, e as chamas dos incêndios distantes o avermelham. Por vezes, ouço gritos humanos, cortantes e em pânico, e o bramido dos zumbis.

Durante o dia, a coisa é menos assustadora, mas não muito agradável. Tenho vertigens e crises de angústia; mal consigo comer. Por uma curiosidade mórbida, vou de quando em quando para a sacada.

Não sei o que é que receio mais: ver o massacre ou constatar o fim das hostilidades.

Alguns ainda resistem. Mas todos cometem o mesmo erro: acabam por querer escapar, saem de seus esconderijos, de sua casa. Não vão longe. Tento ajudar aqueles que lutam diante do prédio. Atiro de modo desajeitado nos zumbis, mas de nada adianta.

Por enquanto, estou protegido neste apartamento. Uma cômoda bloqueia a porta para o caso de alguns zumbis tentarem entrar. Tenho minhas provisões.

Vivo como um animal, comendo das mesmas embalagens de conserva, sem me lavar nem trocar de roupa. Regredi. E creio que seja uma boa intuição. Regredir me protege. O sebo, a barba, a sujeira e o mau cheiro, meus odores corporais me permitem permanecer em terreno conhecido, em mim mesmo, protegido, dentro de uma bolha, num escritório de imundície.

As imagens dos massacres e outras criadas por minha imaginação buscam tomar todos os lugares de minha cabeça. Já não pensar nessas coisas exige um esforço colossal. Luto para expulsar o horror que quer colonizar meu cérebro. O combate é interior, mas bem real.

Desde hoje de manhã não há eletricidade. As consequências foram: ausência de luz durante a noite e a geladeira, que descongela. Então senti a civilização — quer dizer, os séculos de civilização — escoar como água por um ralo. Acabou, realmente acabou. Do lado de fora, os apartamentos do bairro e os postes estão apagados. Tenho uma sensação de esmagamento, a impressão de desaparecer ao mesmo tempo que desaparece a eletricidade. Uma parte de minha alma escoou através dos poros da pele. Uma onda de vazio se abate sobre mim e me deixa colado ao chão.

Pouco a pouco deixo a nova realidade difundir-se em mim. Levanto-me lentamente, sujo, hirsuto, emagrecido, enlouquecido; porém, vivo.

O corpo sem cabeça no pequeno cômodo dos fundos do apartamento é um problema. Abro a porta de quando em quando. Ele apodrece. Seus músculos afundaram. Ele me faz pensar num manequim de cera. Moscas adejam ao redor dele; devem estar pondo ovos em sua pele. Tenho a impressão de vê-lo aumentar. Observo-o, vigilantemente, para o caso de ele se levantar e me atacar. Sem cabeça, porém, isso seria pouco provável.

Finalmente tomo uma decisão. Pego grandes sacos de plástico na cozinha e, como se tivesse feito isso toda a vida, como se fosse uma prática normal, embalo o cadáver. O cheiro rançoso e ácido me provoca náusea. O corpo se tornou gorduroso, inchado e cheio de gás. Moscas se grudam em meu rosto. Enrolo-o num novo leito de plástico; imobilizo-o com fios e com fita adesiva, depois o encerro num saco de dormir, desses de montanha, encontrado num armário.

Arrasto-o até a sacada para me livrar dele. Esfrego as mãos crispadas na calça. O céu está branco, e o ar, fresco; evito baixar os olhos para o bulevar. Algo me detém. Eu não quero lançá-lo. Não se pode fazer qualquer coisa com o corpo de um homem; não podemos tratá-lo como a um saco de lixo.

Reconduzo-o para o pequeno cômodo nos fundos e o coloco num sofá, sobre a montanha de casacos dos convidados, numa posição que me parece bela e respeitosa. Ponho o cômodo em ordem. Com a ajuda de alguns objetos recolhidos aqui e ali (bolsas e sacolas), decoro o sofá mortuário e, de cada lado, ponho um candelabro e uma estátua vinda da Oceania. Disponho algumas joias sobre seu corpo: um colar de pérolas, uma pulseira e alguns anéis. Por fim, tranco a porta com a chave.

Que descanse em paz.

Agora, a morte está presente no apartamento. Mas é a morte que foi civilizada e ritualizada, não a dos zumbis. De certo modo, a presença desse corpo me tranquiliza. É contrário ao que se encontra lá fora: um morto que permanece morto.

Vou sair do apartamento. Está decidido. Isso me aterroriza de tal modo, que faz que se desencadeiem diarreias e crises de angústia. Visualizo os corredores, as escadarias e os outros apartamentos infestados de zumbis. Escuto horas inteiras, com o ouvido colado à parede, ao assoalho, à porta de entrada. Espreito os movimentos através do olho mágico. Faço até buracos nas paredes que dão para os apartamentos contíguos (e no assoalho e no teto que dão para os apartamentos de baixo e de cima). Nenhum sinal de presença hostil. No entanto, nada me diz que o restante do edifício não abrigue algumas criaturas.

Não tenho escolha além de partir em expedição. A despensa contém ainda o suficiente para aguentar bem por uma dezena de dias. As prateleiras transbordam de potes de pato em conserva e de patês. Mas tenho de encontrar água mineral: a água da torneira foi cortada.

Também é necessário que eu caia fora enquanto estou em boa forma física. Será muito tarde quando tiver perdido as energias. Eu tenho de sair. Não posso esperar que venham até aqui.

Enfurnar-me aqui é morrer mais ou menos a curto prazo. A adrenalina percorre meu corpo como uma descarga elétrica permanente.

Fico na expectativa de encontrar zumbis. Podem ter-me notado, farejado meu sangue, meu suor. Viram-me na sacada, pois atirei neles lá de cima. Preparei-me conforme convinha. Para me proteger da mordida deles, vesti umas ceroulas, um pulôver e botas; depois envolvi os braços, as pernas e o tronco com um filme de PVC que recobri com uma grossa fita adesiva. Enfiei uma calça, um pulôver e um casaco de couro. Sentia-me em segurança e ao mesmo tempo livre em meus movimentos. Para me preservar dos esguichos de "sangue" das criaturas (vi homens transformarem-se após terem recebido um jato no rosto), ponho óculos de esqui e um lenço na boca. Um gorro desce até abaixo das orelhas.

Prendo uma faca de cozinha à perna, uma espingarda às costas, o revólver à cintura; levo uma espingarda na mão.

Vou conquistar a anatomia do prédio, visitar seus órgãos e tornar-me seu senhor. O terror da morte e o desejo de viver (dois rios que fervem em mim) me convencem de que tenho a força necessária.

Abro a porta. O dia acaba de nascer. Entrando pelas janelas de cada andar, um sol difuso clareia os corredores e as escadas.

Não há ninguém. Um cheiro de ambiente fechado e de almíscar faz cócegas em meu nariz. Eu avanço. Por reflexo, aperto o botão do elevador. Meu dedo enluvado fica agarrado a uma espessa mancha de tom marrom e viscosa. Preciso ser mais prudente; as armadilhas estão por todos os lados. Enxugo o indicador na manga do casaco de couro. Não há eletricidade; o elevador não se move. Pelo vidro, observo os cabos e as correntes, e o abismo. Recupero o fôlego. É preciso avançar. A porta do apartamento de frente para o meu está aberta. Entro. Está escuro em razão de as persianas estarem abaixadas. Tropeço numa mochila: merda. O chão está juncado de objetos, de vasos de flores, de comida em

putrefação. Moscas voam pelo apartamento. Espero não cair num cadáver. Avanço centímetro por centímetro, a espingarda à frente. Ao menor estalido do assoalho, o dedo pesa sobre o gatilho.

É difícil descrever o odor. Misturas que jamais ocorreram: ranço, podre e algo açucarado. Parei de respirar pelo nariz. Que diabos estou fazendo aqui? Será que esta não é uma maneira inconsciente de suicídio? Fico com vontade de voltar ao apartamento. Não. Preciso de comida e de água e, mais que isso, dar segurança ao prédio, de tomar as medidas necessárias para que meu ambiente próximo esteja sem perigo, para que os monstros sejam varridos daqui. Não posso deixar-me enganar. Como um efeito de minha vontade, meus músculos estão rijos. Meu corpo vibra.

Preciso de trinta minutos de passos minúsculos e de precauções, de avanços com a espingarda à frente, para passar por todo o apartamento. Os cinco cômodos estão vazios: nenhum cadáver, nenhum zumbi. Mas há sangue, sim, nas paredes; por todos os lados há louça quebrada, cadeiras viradas — sinais de luta e de pânico.

O prédio tem sete andares, cada um com quatro apartamentos, o que totaliza 28 apartamentos. Os três primeiros se mostram vazios. Bloqueio a escadaria com dois armários para impedir que as criaturas, talvez presentes nos andares de baixo, me peguem de surpresa. Subo um andar. Transponho o limiar do primeiro apartamento. Um barulho, um corpo que se move: movimento. Sobressalto-me; meu corpo inteiro está como que eletrizado. Já não respiro; pressiono o gatilho. O tiro arranca madeira da porta. Aspiro a lufada de serragem e tusso. Fumaça e rosnados; mas aquilo se move ainda, e então atiro de novo; saco o revólver e atiro, atiro, atiro. As detonações perturbam-me o ouvido; o recuo ocasionado por cada tiro me deixa as costas doloridas.

Afasto-me para ganhar campo, descobrir o que está diante de mim. A fumaça se dissipa. Atrás da porta em pedaços, finalmente vejo meu “agressor”. Trata-se de um cão. Um pastor alemão. As balas o reduziram a pó; seu pelo ficou revirado, suas vísceras o cobrem, sangue e baba correm da boca aberta. Está com as orelhas abaixadas e os olhos arregalados, tristes, cheios de estupor.

Tinha-o abatido, estupidamente, porque tivera medo. O pobre animal estava aterrorizado, em pânico por causa do desaparecimento de seus donos e do silêncio do prédio. Não tinha ousado latir quando ouvira meus passos.

Meu primeiro pensamento: poderia ter sido um homem, uma mulher, uma criança. Poderia ter matado um ser humano. E fatalmente isso já deve ter acontecido; homens devem ter-se matado uns aos outros, porque não tinham tido tempo de ver o que estava diante deles.

Observo o cão — o que resta dele — e começo a soluçar, a pedir-lhe perdão; digo-lhe que foi um acidente, que sinto muito, muitíssimo. O suor e as lágrimas aguilhoam meus olhos. Sufoco-me sob os óculos de esqui. Acalmo-me. Tenho de continuar.

Será necessário que, daqui por diante, eu seja prudente. Que já não atire ao menor som e que me anuncie em locais desconhecidos, que fale, que diga que estou vivo para não me tornar um alvo.

Os zumbis nos dizimam. Trata-se de não permitir que o terror termine o trabalho. Não é simples. O medo corre em minhas veias, perfuma meus pensamentos; ele é o deus que

me acompanha em cada passo. Preciso domá-lo, tomar suas rédeas.

Retomo a expedição. Ela dura quatro horas. Nenhum zumbi no prédio, nenhum cadáver tampouco. Vestígios de luta, de sangue; mas é tudo. Os habitantes haviam fugido, e os que não haviam fugido se transformaram em monstros.

No térreo, a porta de entrada está fechada; uma porta grande, larga e alta: tranquilizadora. A tranca eletrônica da porta já não funciona. Coloco uma barra de ferro atravessada nela. Amontoo objetos para impedir qualquer intrusão: uma placa de mármore, caixotes de vinho, uma cômoda.

O barulho atrai os zumbis que vagueiam pelo bulevar em frente ao Moulin-Rouge. Aproximam-se como mosquitos da beira da água no verão. Eles pressionam a porta. Empurram e rosnam. Continuo a fortalecê-la. Nada poderá fazê-la mover-se; a madeira é bastante espessa para ser rachada, a barra de ferro é sólida. Ponho as duas mãos na porta para sentir as vibrações. Eles estão ali, a alguns centímetros; são reais, bem reais. Meu corpo inteiro sente arrepios, minha vista fica turva. Permaneço assim por um minuto; estupefato, petrificado. Reconstituo-me. Sobreviver. Prego tábuas nas portas, depois nas janelas dos apartamentos do térreo e do primeiro andar. Mas não é o suficiente: prego tábuas nas janelas do segundo andar e na porta do porão.

Nem tudo é negativo. Passei do status de locatário de uma quitinete em Belleville a proprietário de um edifício de sete andares. Quase me ri disso.

Com a ajuda de uma tábua, carrego o corpo do cão para o apartamento. Embalsamo-o como havia feito com a pessoa sem cabeça. Deito-os um ao lado do outro. O pequeno cômodo se parece com um túmulo egípcio.

Paris está deserta. Nenhum avião corta o céu, não chegou nenhum socorro. A magia de uma terra universalizada deu em epidemia mundial. Segui sua progressão fulgurante pelo rádio até o momento em que pararam as transmissões. Primeiramente, foram as grandes estações que se calaram. Em uma das rádios, escutei um jornalista deixar-se ser atacado ao vivo; ele continuou a falar enquanto os zumbis o devoravam. Algumas estações pequenas sobreviveram um pouco mais de tempo, mas, ao cabo de uma semana, tudo parou definitivamente.

Não tapo o sol com a peneira: meus pais e meus amigos estão mortos. É estatístico. Já não há governos, polícia, exército; os últimos bolsões de resistência caíram. Choro, e meu choro me faz descansar do terror.

Meu espírito está transpassado por flashes, como se eu fosse um curto-circuito permanente. Assim que paro de observar o que acontece lá embaixo no bulevar, assim que paro de observar os seres monstruosos que reinam nas ruas daqui para frente, eles aparecem em meu espírito; seus dentes, suas unhas e sua violência brutal, que não é abrandada pela sombra do pensamento.

Com um binóculo, observo cada prédio. Vejo formas moverem-se atrás de certas janelas. Mas será que são seres humanos?

Empuro o cobertor, minha mão agarra a espingarda. Despertei. Os sentidos em alerta. Não sei como entraram. Não houve confusão. Simplesmente o barulho dos pés na escada. São dezenas; o caminhar mole faz um barulho surdo como um exército flácido. A Lua brilha no céu. A espingarda treme em minha mão. Vou para a sacada. Inclino a cabeça. Entraram pela porta do edifício. Subestimei a força deles. Eles se apertam uns contra os outros para entrar no prédio ao menor acesso. Chegam de todo o bulevar. Que devo fazer? Refugiar-me no teto? Tarde demais. Estão em meu andar. Esfregam o corpo na parede do lado de fora do apartamento. De repente, um barulho violento contra a porta, como se um corpo se esfacelasse ali. Os rosnados deles me eletrizam da cabeça aos pés. Não são agressivos; pelo contrário, são seguros de si, seguros de ter direito à presa, marcados de uma bonomia bárbara. Enchem todo o corredor. A parede e a porta vibram. Coloco um aparador diante da porta; mas sei que não será o suficiente. Tudo me parece frágil. Estou preso na armadilha; mesmo que não consigam entrar, estou prisioneiro. Impossível reabastecer-me de água e comida. Perdi: a morte me espera. Melhor que seja eu a dá-la a mim com um tiro de espingarda do que acabar transformado em zumbi. Repito na mente os gestos que devo fazer. Colocar o cano embaixo do queixo e disparar. Mas algo em mim se recusa a admiti-lo. Digo: "Não! Não! Não!" Não pode acabar assim, não comigo. Com os outros, sim, mas não comigo. Não comigo, que sei quem sou. Não posso morrer, desaparecer desta vida. O universo inteiro me parece frio e vazio; é uma sensação que destrói. É o fim. Não é possível. Encontrarei uma solução. Volto para a sacada. Escalar até o quarto andar? Não chegarei lá nunca. Estou perdido. Preciso acalmar-me. Preciso abstrair-me dos monstros que fazem pressão contra a parede e a porta. Preciso parar de olhar para as dobradiças que cedem. Escapa-se por um buraco, como nos filmes sobre Alcatraz e nos desenhos animados. Vasculho o apartamento e encontro uma escultura de Buda muito pontuda. Subo numa mesa, começo a dar golpes fortes contra o teto. Mal consigo furá-lo. Bato mais forte. Meus braços vibram, minhas mãos sangram. Cai gesso sobre mim. Aquilo continua a avançar. Tenho o rosto coberto de pó branco, como um palhaço. Bato, arranho. Mas aquilo avança lentamente; tenho a impressão de nadar contra uma parede. Precisaria de pelo menos uma hora. As dobradiças cedem. Não! Não! Passam braços pela fresta; são cinza-pálidos e esfolados, esticados na minha direção. Os grunhidos redobram. A parte de baixo de um rosto aparece na fresta da porta. Dentes imundos, uma língua cinza, que se agita, lábios revirados. O zumbi força para passar a cabeça completamente, ele empurra e empurra.

E eu acordo, suando. Endireitei-me na cama. A Lua brilha no céu azul-marinho, e tudo está calmo.

Esses sonhos se tornaram habituais. Muitas vezes por semana, deixo-me devorar, tenho a sensação real de dentes cravando-se em minha carne e do veneno que me contamina. Ora, por que não morrer logo de verdade? Morrer de uma vez por todas para parar de morrer tão frequentemente.

Como todos os dias, eles se amontoam contra a porta de entrada do prédio; uma multidão de braços cinza e vermelhos, corpos seminus, dentes salientes, dedos esticados. Estou três andares acima. Não é uma distância enorme: no máximo, é uma dezena de metros o que nos separa. Mesmo com a porta-janela fechada, sinto o odor deles: uma mistura de morte, de sangue e de ácido. Viram que vivo aqui. Sou o objetivo deles.

Olhos cheios de agressividade, olhos que tentam transformar-me em comida, que me mastigam, que me levantam a pele, que entram em minha carne.

São uns cinquenta, às vezes duzentos, às vezes mil, às vezes demasiadamente numerosos para que os conte. Exército que se move, descomposto, desorganizado. Matararam todos os que tinham em sua mão e, com seus dentes, fizeram nascer novos seres. A fecundação ocorreu pelo sangue. Sou um dos últimos do bairro (da cidade?) que lhes escapou. Não querem deixar a menor migalha na mesa. A extinção da espécie humana lhes importa pouco. Não querem preservar-nos como a uma espécie em perigo. Não desejam confinar-nos em reservas naturais ou criar-nos em galinheiros a céu aberto para ter sempre carne fresca. Não têm outro plano além do de consumir-nos até o último.

Soltam grunhidos, arquejam, gritam. Fazem os piores sons que se podem fazer com uma língua e uma garganta.

Vou para a sacada: tenho necessidade de respirar um pouco de ar. É minha única liberdade. Observo-os. Espero com isso habituar-me à aparência deles, como os aracnofóbicos que são ensinados a conviver com aranhas. Não tenho escolha. Tenho de domar meu medo. Eles são minha realidade agora; são a natureza.

Ponho um deles na mira da espingarda — veste uma grossa jaqueta com capuz felpudo, careca, sobrancelhas espessas — e atiro. A bala fere o pescoço. Recarrego.

Mas para quê? Entro novamente no apartamento.

Passo as mãos nas pernas, no tronco, na nuca e nos braços para sentir os músculos e os tendões; reencontrar as fronteiras do ser vivo que sou. Enquanto minha mão percorre meu corpo, penso nas juntas e nas articulações, nesses lugares mais frágeis que serão rasgados sob as mãos das criaturas. Imagino minha carne rompida e meus ossos desarticulados, como se meu corpo tivesse sido construído para ser deslocado como uma simples boneca de pano. É pouco dizer que me sinto mortal e frágil: sinto-me fabricado para ser feito em pedaços.

Observo-os e tenho vontade de gritar, de vomitar, de morrer. Resisto, porém. Encaro o horror e suas centenas de olhos vítreos e esbugalhados. A tempestade de ferro e fogo acaba por cessar de martelar meu cérebro. Enfim me benefico de um pouco de repouso. Depois, o terror recomeça.

O que é seguro e belo é o passado; mesmo o passado triste, minha solidão, minhas dificuldades materiais, minha adolescência: tudo isso me parece doce a partir de agora — eu era feliz e não sabia. O desespero de então era um estado de plenitude extática comparado ao que vejo agora. Convoco, pois, minhas lembranças; coleciono-as e anoto-as em meu caderninho. Aquelas férias com meus pais quando eu tinha 7 anos: visitar os museus de Bruxelas, beber chocolate quente. A chuva que caía sem cessar: corríamos, rindo, de abrigo em abrigo. O dia em que descobri, na casa de meu editor, os exemplares impressos de meu primeiro romance *O amor não existe no paraíso*. A primeira vez que tive nas mãos uma garota que estava apaixonada por mim e a certeza de que passaríamos a vida juntos. Os jantares de quinta-feira à noite na casa de Lucia e Michel, nossas discussões sobre literatura, gastronomia e política.

Estou em segurança no passado. Esforço-me para fazê-lo colonizar meu espírito, a fim de que atenuem as imagens do presente. O passado é meu remédio. Milhares de vezes por dia, puxo uma imagem — uma cena, uma refeição com uma amiga, um café tomado num hotel de Havre, um Natal da infância — e sobreponho-a aos corpos deteriorados e às bocas esfomeadas. Toco minhas memórias como a um instrumento musical. São as notas o que momentaneamente aniquila os zumbis em meu cérebro. Sonho comigo nesse passado. Não dura muito. A realidade sempre acaba com tudo, quebra as belas coisas e retoma o poder. Mas essas calmarias me permitem recuperar as forças.

Quero falar de mim, pois o tempo não é mais afetuoso que as criaturas que espreitam lá fora. Quero lembrar-me de onde venho, desse mundo desaparecido para sempre e do lugar que eu tinha nele.

Sou escritor. É o que sempre quis ser, mas o caminho foi longo. Comecei como simples revisor de roteiros para a televisão — modo de descobrir certa forma de criação, de familiarizar-me com a estrutura narrativa e com a composição de personagens. Sonhava com outro tipo de literatura, certamente, mas era instrutivo. Rapidamente me propuseram um cargo de roteirista para uma novela televisiva. Tinha 26 anos; meus estudos de antropologia e de geografia não me tinham levado a lugar nenhum. Decidi aceitar (para grande desgosto de meu professor Inselberg, meu mentor, meu ídolo intelectual). Adorei essa experiência.

A novela punha em cena três irmãs na casa dos 40 anos que se divorciavam ao mesmo tempo e que tentavam voltar a viver e reencontrar o amor. Uma grande afeição acabou por ligar-me a essas personagens. Sentia-me eu mesmo como uma mulher de 40 anos. Seus medos, suas dúvidas, seus desejos e suas misérias afetivas eram os meus. Davalhes belas falas, fazia delas mulheres corajosas e espertas. Eram o retrato das mulheres que eu teria gostado de encontrar.

Mas a produção não queria nada disso: era necessário criar dramas para prender a atenção dos telespectadores. Pediram-me que eu tornasse irascíveis, maldosas, invejosas

minhas heroínas. Deixei a novela quando me ordenaram que escrevesse um episódio em que uma das três irmãs vende drogas a adolescentes para pagar uma operação de cirurgia estética. Tínhamos chegado ao fundo do poço.

Escrevi diversos romances, mas nenhuma editora os quis. Não tinha fechado nenhum contrato. Não iria bancar o artista amaldiçoado. Vendo que não tinha lugar no seio da literatura "oficial", decidi fazer o que sabia: escrever histórias românticas. Eu as propus à Galaxy, uma editora de literatura popular que publicava tanto histórias de terror como romances policiais ou enfadonhos. O telefone tocou uma semana depois que enviei meu primeiro manuscrito. Desde então, publiquei 24 livros: nenhum best-seller, mas tenho os meus leitores.

A literatura romântica é o lugar onde se podem dizer coisas importantes a salvo da trivialidade. Aproveito as relações entre um médico e uma enfermeira para insuflar um pouco de feminismo (a enfermeira retoma os estudos; despreza o médico machão). Em geral, conseguia me virar. Para completar meu orçamento, eu era o palhaço substituto no Necker, o hospital para crianças. Não era apenas uma questão de dinheiro. Eu adorava aquilo. Teria desejado dedicar a este trabalho metade de minha semana. A associação tinha poucos recursos, e, portanto, minha única chance de ir fazer as crianças rirem era quando os palhaços regulares ficavam doentes, o que, muito felizmente, acontecia com frequência (depressão e alcoolismo eram endêmicos entre meus colegas). Eu tinha comprado uma verdadeira fantasia de palhaço de circo dos anos 1950, mas minha aparência tinha assustado as crianças. Então confeccionei minha própria fantasia: um nariz vermelho, um jaleco branco, um estetoscópio-buzina e grandes óculos. Eu era dotado, e isso era desgastante. Alguns pequenos saíam dali, outros morriam. Isso não melhorou minha visão trágica da existência. Eu precisava de muita maquiagem para esconder a tristeza de meus traços.

Torno a pensar nas pessoas que conheci. Isso se torna um exercício íntimo como o I Remember, de Joe Brainard. Aquela criança no hospital Necker, a cabeça coberta de cabelos ruivos, nossas discussões acerca de discos voadores e de outros mundos nas galáxias distantes. Lembro-me também da enfermeira romena, uma jovem adorável, com quem eu falava pouco, mas que me comovia por sua delicadeza. Lembro-me de todas essas pessoas que, por seus gestos e atenções, tornavam o mundo vivível. Repenso também em todos os que me pareciam inofensivos: a padeira, um garçom da cafeteria, um editor um pouco sem graça. Sentia falta deles. Eis meu exército: lembranças vivazes para lutar contra a morte que se recusa a morrer.

Tudo está sujo e em desordem. Se continuar assim, vou acabar criando uma epidemia de cólera no apartamento. Levanto-me do sofá-cama, onde estou remançando há duas horas. Esvazio e lavo a lixeira, coloco um saco plástico para os dejetos, limpo os vidros, passo a vassoura, esfrego o chão. O cheiro de água sanitária e dos detergentes com fragrâncias sintéticas me faz bem. Sinto-me nocauteado. Troco os lençóis do sofá-cama. Tudo isso me ocupa por umas quatro horas; quatro horas sem pensar em zumbis. O apartamento ganha forma novamente. O tempo é meu inimigo. Tenho de preenchê-lo para que não caia sobre mim secundado pela vaga de imagens angustiantes.

O terror ocupa, mas aspira toda a minha energia. Perde eficácia depois de um tempo. Processo clássico de mitridatismo: o corpo e o espírito, se sobreviverem, acabam por se habituar aos venenos.

Que fazer com estes dias, que fazer com minha "vida"? Sonhar acordado é um bom meio de não ser assaltado pelas obsessões que põem os zumbis em cena. A deriva intelectual sempre foi a maneira mais eficaz que encontrei para não viver, para isolar-me num casulo de ideias e de conceitos. Estou fora do mundo.

Sento-me no sofá. A tarde chega ao fim, o céu tende para o azul-turquesa; as cores amareladas e alaranjadas do sol se diluem no horizonte em finos estratos.

Penso nas razões para eu ter escapado disso tudo. Por que eu? Sem dúvida, minha não sociabilidade foi determinante. Não tinha ninguém para salvar; não estava sequer tão agarrado assim à minha vida para tentar fugir. No fundo, acho que sobrevivi porque estava à parte. Ser um sobrevivente não é outra coisa senão uma nova maneira de estar fora da norma. Insisto: sou um esquisito. Isso não se muda. Ter sido ignorado pelas mulheres, pelos leitores, pelos editores, afinal de contas, permitiu-me escapar dos zumbis. A angústia e o medo são minha atmosfera desde sempre. Fui bem treinado nessas coisas. Que ironia: tive a sorte de ter tido um azar maldito desde o nascimento.

Com uma espingarda em cada mão, vou para o telhado para concluir a exploração do prédio. Forço a porta dos fundos do corredor do sétimo andar com um extintor. A luz enche o marco da porta e me cega por um instante. Trata-se de tomar posse de meu território. Preciso ver a cidade e mais além, inalar um ar um pouco mais puro que o de minha sacada. Já não escutar os gemidos dos zumbis; meditar.

O vento me envolve, e, durante alguns segundos, esqueço tudo o que aconteceu. Avanço para a beirada; coloco a espingarda contra o parapeito. Dali até o chão, há bem uns vinte metros de altura. Lá embaixo, os zumbis são vagos, manchas cinza, personagens impressionistas pintados por um míope. Ao perderem a nitidez, perdem a realidade. De longe, fumaças pretas e brancas se elevam de diferentes pontos, como se cidades inteiras tivessem queimado.

O edifício não é muito alto. Não posso ver Paris em sua totalidade. Montmartre se estende diante de meus olhos; suas ruas íngremes, suas cafeterias abandonadas e saqueadas. Voltam as lembranças. Eu entrando numa quitanda da rua Lepic, um café com Noémie, o cheiro de frango no espeto, meus pais nos degraus da Sacré-Coeur, uma noite cheia de álcool passada em caminhadas pelo bairro quando era estudante.

Com o binóculo, busco traços de outros sobreviventes. Alguns reflexos, algumas formas me fazem ter a esperança de não estar completamente sozinho, mas não há nada certo. Ponho algumas bacias no chão para recolher água da chuva; água essa que me servirá para o banho, para a limpeza, para a louça e, dentro de pouco tempo, para beber: restam apenas seis garrafas de água mineral encontradas no apartamento e alguns litros de suco de fruta.

Boa nova: meu prédio é colado a dois outros prédios; estes, por sua vez, também são colados a outros e assim por diante. Há uma cadeia de telhados. Eu poderia fugir, caso os zumbis conseguissem forçar a porta de baixo, como aquele menino que vivia nas árvores e pulava de uma a outra para escapar dos adultos. Certamente os zumbis poderiam passar pelos outros prédios para chegar até aqui e descer até meu apartamento. É um risco teórico, porque não são ases da caça estratégica: não farão a relação entre meu prédio e os que estão ao lado, não vão imaginar que podem empurrar uma porta, subir andares, chegar ao telhado e depois ir até o outro telhado para chegar até meu apartamento. Não têm inteligência de longo prazo. Eles avançam e arrastam tudo.

Sinto-me em segurança aqui. Corro em círculo por cerca de meia hora. Olho ao longe. Sinto-me livre, e isso não quer dizer estritamente nada.

Uma lua minguante sobe na escuridão (Deus seja louvado, a beleza do mundo participa do repelir a feiura e a pequenez dos monstros lá fora: vocês jamais superarão a Lua e as estrelas), um vento fresco sopra no bulevar; estou apoiado na sacada, com uma espingarda em uma das mãos e uma taça de vinho na outra. Como de costume, espreito luzes, uma presença humana que se manifeste por uma vela, uma fogueira.

De repente, um gato aparece embaixo do edifício. Primeira presença viva desde o cão que matei. Saiu de um carro acidentado. Mia. Meu coração se acelera. Inclino-me e o chamo com voz calma para não ser traído pela empolgação. Não há zumbis na proximidade. Eles se arrastam um pouco mais acima no bulevar.

O gato vira a cabeça e dá alguns passos na direção do prédio. Levanta o focinho em minha direção. É a coisa mais linda do mundo: olhos verdes, orelhas aveludadas, pelo multicolorido. Vou pegar uma embalagem de atum em conserva de minha reserva; abro-a e desço-a com a ajuda de uma cesta amarrada a uma corda.

O gatinho põe a pata direita adiante de si como que para verificar a solidez do chão. Passo a passo, com uma prudência extrema, ele se aproxima da embalagem. Dá uma cheirada no peixe, levanta a cabeça para mim. Eu o encorajo. Então ele prova, primeiro timidamente, e depois se senta e come. Começa a ronronar. Três andares nos separam e eu o ouço. Fico imediatamente apaixonado.

Ele poderá tornar-se meu gato. Acabará com minha solidão. Brincaremos e nos afagaremos. Nós nos reconfortaremos. Desço as escadas apressadamente, a toda a velocidade, com a espingarda na mão, de meias para não fazer barulho. Com precaução — e, contudo, impaciência — desobstruo a porta de entrada; os caixotes de vinho, a placa de mármore, a cômoda; retiro a barra de ferro. Com um pé de cabra, arranco as tábuas. Pausa. Escuto, a orelha contra a porta. Tudo está bem: nenhum barulho, nenhum grunhido suspeito.

Abro a porta pesada. O ar fresco da noite se precipita para dentro do prédio. Respiro profundamente. Há quanto tempo! Sinto-me bêbado.

Os zumbis estendem suas sombras a uns trinta metros. O murmurar gutural deles me causa um aperto na barriga. Estão calmos ultimamente. Terei tempo de deixar o gato entrar. Este traz uma coleira, sinal de que teve donos. Deve ser tão sozinho como eu. Sua beleza é estonteante: uma mancha branca na cabeça, ruivo e preto no corpo, olhos curiosos e enternecedores. Havia semanas que não via beleza viva; havia semanas que não punha os olhos num ser que não desejasse pular em meu pescoço. As lágrimas chegam-me aos olhos. Abaixo-me. Ele vira a cabeça para mim. Aproxima-se passo a passo. Estando a dois metros de mim, mia. Um miar choroso de rasgar o coração. Eu avanço docemente, esquecendo-me de toda a prudência. Ele parece sofrer; talvez esteja ferido. Tento dar-lhe garantias, digo baixinho algumas palavras tranquilizadoras: "Pequeno, docinho, não se preocupe, vou cuidar de você."

Tenho consciência de que estou extrapolando um limite: pela primeira vez depois dos acontecimentos, caminho para fora do edifício e isso me deixa excitado. É minha cidade,

eu a recupero. Que os zumbis vão para o inferno!

O gatinho mia cada vez mais. Suas orelhas se levantam, seus olhos verdes se abrem bastante: duas esmeraldas na noite. Tenho vontade de apenas uma coisa: tomá-lo nos braços e acariciá-lo. Avanço mais. Não sei por quê, volto a cabeça. Puro instinto animal. Quatro zumbis se aproximam pelos lados. Estão a dois metros de mim. Recuo imediatamente, com a rapidez que um reflexo permite. Choco-me com o batente da porta. O gato começa a ralar comigo, seu pelo se eriça, suas garras se tornam salientes. O hálito das criaturas chega à minha garganta no momento em que consigo meter-me dentro do prédio. Apoio as costas contra a porta, mas sem chegar a fechá-la totalmente. Os braços empurram, empurram; sinto a força, a fúria e a fome deles. Com uma das mãos, agarro a cômoda, meus dedos se crispam nas bordas, e a lanço contra a porta. O cheiro dos zumbis é forte e volátil; insinua-se em minhas narinas e me deixa louco. Dedos penetram o interior do prédio, dedos com longas unhas, que arranham a madeira da porta. Empurro o móvel com todas as minhas forças. Não sei onde encontro energia. A porta se fecha de novo de maneira brusca e decepa os dedos, que caem em cima da cômoda como larvas enormes. Afasto-me com nojo. Mas os zumbis continuam a forçar. Outros se juntaram a eles. Nunca se cansarão. Recoloco a barra de ferro, empilho caixotes de vinho sobre o móvel e, uma a uma, prego novamente todas as tábuas. A cada golpe do martelo num prego, tenho a impressão de fechar uma tampa de caixão sobre o mundo.

Subo de novo para o apartamento. Enfim em casa, graças a Deus; em casa estou a salvo. Fecho a porta e bloqueio a maçaneta com uma cadeira. Lá embaixo, os zumbis grunhem e arranham. Espasmos fazem todo o meu corpo tremer. Estou a ponto de explodir numa gargalhada, mas um grito fica preso na garganta. Meu cérebro está repleto daqueles rostos de pesadelo. Imagino-os devorando-me, seus dentes a se fecharem em meu braço e a arrancar grandes bocados de carne. Pouco a pouco me acalmo. Um gole de Borgonha me é de grande ajuda. Repouso o copo na mesinha de centro. Os olhos perdidos, ao longe, acima dos telhados de Montmartre; respiro calmamente. Uma dúvida não muito agradável me assalta: e se o gato tivesse conscientemente atraído os zumbis com seus miados?

Vou para a sacada. Ele ainda está lá embaixo; levanta a cabeça em minha direção e me encara com seus olhinhos. Neles vejo a maldade. Os zumbis estão ao redor dele, como se fosse um reizinho. Era uma armadilha. Pequeno crápula. Volta-me as costas, desdenhoso.

Isso me confirma o que já intuía desde o começo dos acontecimentos: os cães e os gatos nos abandonaram. Nunca vieram em minha direção, nunca vaguearam em torno do edifício. Escolheram o campo deles. Os zumbis os ignoram; essa carne, esse sangue não lhes servem para nada. Não são alimento para eles, nem brinquedos. Os animais reaprenderam a se alimentar sozinhos. Com os zumbis podem entender-se: não são seus escravos. Encontraram aliados.

Entro para pegar a espingarda e volto para a sacada. Sem a menor hesitação, abato o pequeno animal. A bala o lança alguns metros longe, para perto de um carro enfiado num banco de praça. O gato está literalmente cortado ao meio. Apenas a pele das costas retém ainda as duas partes de seu corpo unidas; sangue e vísceras deslizam sobre o asfalto. Ele mia de dor e de surpresa, em seguida morre. Dou uma gargalhada. A noite me

parece bela e pura.

Passo as horas seguintes reforçando a porta e as janelas do prédio, pregando as tábuas e empilhando os móveis.

Não sairei mais dali. Sou Robinson, e os zumbis são meu oceano.

Tardou um tempo para eu perceber que não estava sozinho. Eu passava diante delas e não as notava. Depois — hoje — elas me apareceram. Manhã cinzenta, eu estava particularmente mal. O suicídio me parecia uma opção cada vez mais evidente. Foi então que as vi. Estão debaixo de meus olhos na maioria dos apartamentos, uma população variada que respira à sua maneira, que participa do impulso vital do planeta, cresce, floresce, dá rebentos: as flores e as plantas de vaso. Elas vivem. Somos, portanto, da mesma família. A falta d'água matou uma parte. Recruto as sobreviventes em meu combate contra os zumbis. Levo-as para o telhado para que a chuva e a luz lhes devolvam as forças. Um manual de jardinagem me permitiu identificá-las: ficus, iúcas e papiros principalmente. Entre esses vegetais, fiz uma descoberta um pouco especial: uma roseira. Afeiçoei-me a ela e a suas cinco rosas vermelhas. As pétalas deixavam transparecer finas nervuras; uma pele e veias, alguém diria. Coloquei o vaso na cabeceira de minha cama, num prato orlado de amarelo. Toco a terra para verificar a umidade. Verto água na base de seu caule, tenho a impressão de dar o biscoito a um filhote de pássaro. Olho-a apaixonadamente: ela me limpa os olhos.

Às vezes meu coração dispara com tanta força, que sinto que estou a ponto de ter uma crise cardíaca. Para dizer a verdade: frequentemente a espero.

Precisei de um mês para compreender que os zumbis não são o perigo verdadeiro. Eu sou o meu inimigo. Os zumbis não podem transpor os três andares, não podem pôr a porta abaixo. Por outro lado, correm em minha consciência como se tivessem todas as chaves. Estão dentro de mim, e não há nada mais assustador que isso.

Para que viver num mundo assim? Para que viver se me encontro sozinho? Aqueles que eu amava estão mortos. Em certos momentos, penso em deixar-me contaminar: tornar-me um deles, ceder ao conformismo. Bastaria uma mordida.

Atraem-me assim como a altura atrai o que sofre de vertigem. Sinto-me imantado; tenho vontade de me lançar em suas garras para que me deixem em retalhos, para que me reduzam ao estado de massa informe e ensanguentada e para que me façam desaparecer. Não são apenas demônios: são meus demônios e me obsedam. Estou aterrorizado com o lugar que ocupam em minha cabeça.

Ninguém virá salvar-me; ninguém virá consolar-me; ninguém me ouvirá gritar. Estou perdido no vazio e no frio do espaço. Não há escapatória. Fazer-me devorar seria existir. É uma ideia sedutora que rechaço com toda a alma. O instinto de sobrevivência ainda palpita em mim. As flores e as plantas me dão forças neste combate. Somos semelhantes: eu também me desenvolvo como um vegetal. O ar entra em mim e sai do meu corpo. Sou um lugar de metabolismo. Pensar que sou uma planta me salva de meus pensamentos de ser um humano angustiado.

Devo ocupar-me, e então faço faxina, arrumo, visito os apartamentos e recolho comida. Tudo é melhor que não fazer nada: os zumbis são exibidos no vazio de minha mente.

Desde que a eletricidade foi cortada, joguei fora os alimentos perecíveis para evitar que o prédio se transformasse num caldo de cultura. Apartamento após apartamento, esvaziei as geladeiras e os congeladores, encerrei os alimentos em sacos plásticos e os joguei pela janela do cômodo onde tinha passado a primeira noite e que dá para um pátio interno.

Cada despensa e cada armário é um Natal. Descubro os hábitos alimentares dos vizinhos de Stella. Louvados sejam os inquietos e os paranoicos, aqueles que haviam feito provisões para alguma eventualidade; louvado seja aquele que colecionou dezenas de latas de sardinha.

Estoco as velas, retiro as portas dos apartamentos uma a uma e as transformo em madeira para aquecimento, prevendo o inverno.

Pouco a pouco, tomo posse do apartamento de Stella. Quando nos víamos, eu tinha secretamente o desejo de morar aqui com ela.

Tinha feito desaparecer os últimos traços de sangue e os pedaços de osso. Arejei. Passei três dias repintando a sala de branco-azulado. Mudei os móveis de lugar. Desfiz-me dos livros, dos discos, dos pôsteres de que não gostava. Empurrei o piano de cauda para a parede, à direita da porta-janela. Resta um pouco de sangue seco entre as teclas que não consegui limpar. Amontoo em cima dele as garrafas de água, a fim de que formem uma

parede de tom azul e turvo que me acalma.

Vivo, como e durmo na sala. Experimento a necessidade de limitar meu espaço de vida a um só cômodo. Meu olhar abarca tudo. Isso me conforta. A sala é maior que minha quitinete; não me sinto apertado aqui: sofá-cama aberto. Há uma mesa que serve para comer, escrever e desenhar. Mobiliário o interior, decorar, fazer bricolagem permite-me estabilizar meu espírito. Em certas horas, parece-me que consegui reinserir-me numa normalidade.

Instalei uma poltrona na sacada: uma poltrona Voltaire, de cor verde-inglesa e bordada de vermelho, na qual um gato indelicadamente dera umas arranhadas. Aproveito a vista para o bairro. O céu está azul, salpicado de nuvens que parecem pedaços de algodão estirados. A fumaça se elevava acima de certos imóveis. Incêndios devem ter sido causados por acidentes e por vazamentos de gás. O fogo pode ter sido utilizado para deter os zumbis. As chamas desapareceram por um momento, mas a chuva tem dificuldade de apagar as brasas. Observo as ruas repletas de carros abandonados, os prédios, as janelas abertas e quebradas que dão para apartamentos ensanguentados. E, um pouco por todos os lados, as formas humanoides perambulam em busca de uma presa. Pego uma das espingardas, coloco um cartucho no cano e, tranquilamente, miro na testa de uma criatura. Bastante grande, tem uma cabeleira rastafári e um anel grosso no dedo médio da mão esquerda; a boca está entreaberta. O sol ilumina seus olhos fixos e faz brilhar sua pele cinza.

* * *

Foi um jornalista no rádio que, no primeiro dia dos acontecimentos, utilizou a palavra que todo o mundo tinha na ponta da língua sem ousar pronunciá-la: zumbis. Outros jornalistas a retomaram. Eu estava aliviado de não ser o único a ter estabelecido esta taxonomia.

Oscar Wilde tinha razão: a natureza imita a arte. A profusão de livros e de filmes nestes últimos anos deveriam ter-nos posto no caminho certo. Nosso futuro estava diante de nossos olhos, encontrava-se nas salas de cinema e nas livrarias.

Batizá-los deu-lhes uma forma, não importa quão tola seja. São algo e não apenas sombras para o espírito. Existem, e nós estamos em vias de desaparecer. O sonho sucede-se à realidade.

Ver estes zumbis, cópias dos zumbis de cinema, tem um resultado impressionante em certos momentos. Isso me dá a impressão de ser um personagem. Sinto-me corajoso, apto a sair desta situação, como uma espécie de herói. Faço pose, com uma pistola na cintura, com uma faixa preta amarrada na testa e com a camisa aberta no peito.

No entanto, isto não é simples. Tenho de aprender a viver num mundo que parece ter perdido de uma só vez a gravidade e a termodinâmica. Tudo mudou. Os zumbis têm seu lugar ao lado de Copérnico, de Darwin e de Freud: infligem-nos a última ferida narcisista. Sabíamos que não éramos o centro do universo e da natureza, nem senhores de nossos pensamentos. Agora, sabemos que não somos mais que uma espécie em perigo, relegada às covas. Fomos os expulsos do lugar que acreditávamos ocupar e que nos tornava tão arrogantes. É uma mudança metafísica. Habito numa região nova em que o homem não é mais que um ponto à margem, uma sobrevivência.

O céu está desesperadamente vazio. Pintei uma mensagem no telhado, com tinta branca, para indicar minha presença para o caso de passar algum dia um avião ou um helicóptero.

Não me iludo: o céu se fechou como uma ferida sem cicatriz. Apenas os pássaros o povoam daqui por diante. Tornaram-se meus companheiros. Os pássaros são os que mais se assemelham aos homens. Pombos, pardais, aves de rapina, estorninhos, vocês são minha companhia; seus voos e seu saltitar na terra me lembram os comportamentos humanos. Eles buscam comida, fazem seus ninhos, seduzem-se. A etologia deles não me é estranha.

Nos primeiros tempos, eu dormia em blocos de uma ou duas horas ao longo do dia. Agora, tenho noites curtas mas completas. Acordo com o dia. Temo as intermináveis noites de inverno dentro de alguns meses.

As veias de meu braço saltam: sinal de que não estou bebendo o suficiente. Meus ossos estão salientes. Comer sozinho não é comer: é alimentar o forno da locomotiva com carvão. Então, de quando em quando, ao meio-dia, convido os pássaros para minha refeição no telhado. Tenho um prato na frente do meu em outra mesa, distante uma dezena de metros. Os pássaros são tímidos. O prato deles está cheio de migalhas de bolo de coco. Eles pousam e debicam. Comemos a sós.

Estou grudado a minhas roupas (uma camisa azul, jeans, um pulôver preto com a gola em V desgastada) como o estou à minha identidade e como a um laço com o velho mundo. Eu as vestia o mais longamente possível, depois as lavava e tornava a vesti-las no dia seguinte, ainda úmidas. Há alguns dias parei de colocá-las. Fui fazer compras nos apartamentos. Os guarda-roupas e closets se revelaram verdadeiras lojas de moda. Havia todos os tamanhos e todos os estilos. Dezenas de pessoas haviam vivido aqui, famílias inteiras. Menos de um quarto das roupas correspondia mais ou menos ao meu tamanho, e menos de um décimo me agradava, mas acabei por compor um novo guarda-roupa: uma dúzia de calças, de camisas, de coletes, de gravatas, de chapéus. A cada manhã, vestir-me tornou-se um jogo. Mas não há ninguém ali para me observar. Nos primeiros tempos me permiti algumas excentricidades (calça vermelha, camisa de jabô, chapéu feminino). Rapidamente voltei a um estilo mais clássico. Pela primeira vez em minha vida, passo minhas camisas e camisetas (utilizo um velho ferro aquecido sobre um fogareiro a gás). Tenho a intuição de que essa é a coisa a fazer. Tudo está destruído do lado de fora, os zumbis não se preocupam com a aparência. É necessário, portanto, que tudo esteja feito e belo em minha casa. Encarno a civilização: sou seu guardião e protetor.

Mediante essas novas roupas, desembaraço-me de meu antigo eu. Para não sofrer mais, invento uma identidade adaptada à loucura do mundo novo.

O céu está claro sem estar muito luminoso; o ar se reaquece. Passei o dia andando em círculos. Como um leão em sua jaula? Como uma zebra em sua jaula no meio de leões. Tédio e solidão são realidades sólidas. Não há sentimentos, mas blocos de concreto que esmagam minha personalidade. É um mistério que eu ainda não me tenha suicidado. Acho que vivo apenas por espírito de contradição. Tenho anos de prática nesses esportes que são o tédio e a solidão. Por fim, encontro-me na mesma posição em que estava quando era criança, adolescente e depois adulto. Estou sozinho e não tenho nada para fazer. Hoje não são a falta de dinheiro e o fato de viver na periferia o que me impede de fazer as coisas: são os zumbis. Mas o sentimento é o mesmo.

Teria podido mudar-me para outro lugar, para mudar de ideias, descobrir outra paisagem, entreter meu cotidiano. Por exemplo, penso no loft do sétimo andar. Mas isso seria um placebo que não me enganaria. Estou ligado a este lugar: era o apartamento de Stella. Por um tempo, pareceu-me ainda ser possível sentir seu perfume. Havia fotos dela. Às vezes eu tinha a sensação de que era minha esposa, de que eu morava com ela e de que ela estava em viagem. Eu a esperava; ela não demoraria mais. Tinha eliminado todos os traços da presença de seu marido: além de cortar-lhe o rosto das fotos, pusera suas roupas em sacos e, embecendo-as de gasolina, lançara-as, inflamadas, no bulevar. Os zumbis não se haviam afastado.

Alguns dias depois, compreendi que a ligação com essa mulher que nunca me amara e que já não existia não ia melhorar meu equilíbrio mental. Livrei-me das coisas dela; joguei fora os papéis que portavam seu nome, queimei seu passaporte e suas fotos. Chorei por muito tempo. É mais fácil chorar por uma mulher que pela humanidade. O luto não acabará nunca, vou cultivá-lo como a um jardim interior. Quero permanecer em luto por meus pais, por meus amigos e por todos aqueles que tiveram importância para mim. Esse é um estado que eu amo, porque me religa à minha condição de homem, me une sempre a esses seres, os torna presentes. Quando estou de luto, o tédio e a solidão ficam a distância.

Não tenho medo de ficar louco. O mundo já não tem sentido, e então por que esquentar a cabeça? Que quer dizer manter uma mente sã num mundo arrasado por seres insanos saídos da imaginação de criadores de efeitos especiais para filmes B?

Talvez a loucura esteja aqui. Eu zombo dela. O que conta é apenas a minha capacidade de viver. Nada mais é importante. A loucura pode ajudar-me. Ela me faz companhia. Alguns dias, após uma taça de vinho ou duas, acontece-me ter alucinações. Ouço vozes, ou melhor, murmúrios. Mas essas vozes sonhadas são em todo caso o que mais se aproxima de uma presença. Não estou sozinho.

A loucura é uma ferramenta, é meu tanque de guerra. Refugio-me ali para fazer uma barreira à loucura do mundo. Hoje de manhã, fiz a arrumação das minhas reservas de alimento. As embalagens de conserva de peixe, de ravióli, de legumes, os pacotes de bolos, os tabletes de chocolate estão armazenados nos locais livres das estantes da biblioteca da sala. Com tábuas de madeira, condenei todos os cômodos do apartamento: a sala é meu lar doce lar. Um São Jorge e o Dragão veio adornar a parede (sou São Jorge diante de milhões de dragões). Iniciei a leitura de David Copperfield (um romance realista é o que há de mais exótico hoje).

O tempo se esvai, e eu espero que me traga uma resposta. Mas sei que a única resposta será minha morte, natural ou não. Como os acontecimentos não chegam a mim, eu os crio. Cuido das plantas, rego-as, recolho as folhas e, com a ajuda de uma pequena tesoura, podó-as. Observo o movimento dos pássaros e anoto seus nomes, seu número, os lugares onde nidificam. Mas o meio mais eficaz de fazer que algo ocorra é ir para a sacada, armar a espingarda e abater alguns zumbis. Afrontá-los me dá a sensação de conduzir uma guerra. Tento não pensar que ela ameaça não ter fim. Quando uma cabeça explode, algo acontece.

De onde eles vêm? Será que são fruto de experiências do exército norte-americano? Uma mutação natural da espécie? Um vírus? Não sou biólogo, não tenho intenção de fazer coletas. Não saber é uma sorte: a verdade é muito feia, muito banal. Vale mais imaginar os milhares de explicações possíveis. É como o Big Bang: não se sabe, e é melhor assim.

Uma coisa é certa: fala-se de zumbis desde que o mundo é mundo. É uma invariante no espírito dos homens. Eles estavam lá nas lendas para significar nossa mortalidade, a morte em nossa vida e a vida em nossa morte.

Fomos arrogantes com nossa medicina e com nossas vitaminas, com nossa ambição de fazer desaparecer a presença da morte, pondo os cemitérios à margem de nossas cidades, medicamentando os óbitos, esquecendo-nos dos rituais pagãos de cortejo fúnebre. A morte reina, e nada se mudará quanto a isso. Sei disso desde a minha primeira crise de angústia existencial aos 6 anos de idade no quartinho do prédio de uma cidade cinza e pobre onde viviam meus pais.

Os zumbis chegam no momento certo. Era a hora de eles entrarem em cena. Vêm terminar a destruição da humanidade que havíamos começado com as guerras, com o desmatamento, com a poluição, com os genocídios. Eles realizam nosso mais profundo desejo. Nossa própria destruição é o presente que pedimos a Papai Noel desde o nascimento da civilização. Finalmente fomos atendidos.

Vida prática: o problema dos excrementos. A água foi cortada uma semana após o início dos acontecimentos. Diante da descarga inativa, daquilo que flutuava na privada, compreendi que era necessário parar de utilizar os banheiros, caso não quisesse transformar meu apartamento — e o prédio — num pântano nauseabundo. Durante certo tempo, joguei um balde pela janela do pequeno cômodo onde tinha dormido na primeira noite: os dejetos deslizavam para o pátio minúsculo. Mas poluir o mundo exterior não era uma boa ideia. Talvez eu saia algum dia, e é melhor não contribuir com a criação de uma epidemia suplementar.

Peguei a terra dos potes de flores e das plantas que não tinham sobrevivido e fiz um húmus num canto do telhado, que delimitiei com tijolos vermelhos. Ali coloco meus excrementos e minha urina: cavo e revolvo a terra. Aquilo se torna terra fértil. Logo farei nascer flores ali, talvez uma horta. Por ora fede tanto, que mal dá para acreditar. Mas pelo menos é meu fedor.

Não tenho estoques ilimitados de papel higiênico, e isso se anuncia como um de meus piores problemas. Uma pirâmide de 35 rolos rosa e brancos se eleva sobre o piano. Vou enxaguar-me com água da chuva. Percebo apenas isso.

Meu corpo é o que chama à realidade. Fazer minhas necessidades, cortar as unhas, os cabelos, fazer a barba. O corpo dá um caminho a meu espírito. A vida continua, nada a deterá: estou vivo. Quando estou ocupado com esses asseios, não penso, não me desespero. Faço o que tem de ser feito. O mundo tem sentido, está concentrado nesses gestos minúsculos. Cuido de meu corpo, esculpo-o. Conduzo-o até o dia seguinte.

Ponho o coração em todas as pequenas coisas. Lavar a louça e concentrar-se em cada talher, no prato e no copo, para eliminar os monstros lá fora, para manter longe o passado de massacres e o futuro de perigo. No momento, estou protegido. A esponja lava a louça assim como lava meus pensamentos: ela os desembaraça da angústia inútil e dos medos que me fazem vacilar. Do mesmo modo, pôr as coisas em ordem me ajuda a pôr meus pensamentos em ordem: ao empilhar e ordenar as embalagens de conservas e as garrafas e dobrar minhas roupas, faço parar a desordem em mim. Reconstruo-me a mim e ao mundo através dos gestos.

Os zumbis se deslocam lentamente como personagens idosos que fazem compras no supermercado. Não parecem estar em forma, mas, na verdade, são incansáveis. São velinhos durões e agressivos. O apetite os anima: são famintos, a boca projetada para frente, aberta, babosa, lábios feridos, dentes salientes. Suas unhas são negras de sangue coagulado e de sujeira, deterioradas, por vezes arrancadas. Seus dedos são enrugados, parecem agarrar o próprio ar. Observo-os com o binóculo para distinguir os mínimos detalhes. A pele deles secreta um tipo de pus cor de terra.

Por um momento, esperei que se desintegrassem como verdadeiros cadáveres, que as bactérias se precipitassem sobre seus ferimentos e que os reduzissem ao estado de esqueletos. Pensei que os insetos haveriam de regalar-se e que suas larvas haveriam de comê-los do interior. Mas me enganei. Não sei por que fenômeno bizarro, eles não apodrecem. À força de observá-los e de seguir, no curso de semanas, certos indivíduos, minha hipótese é que a carne deles seja efervescente de uma vida poluída e, não obstante, forte, o que mantém a homeostasia deles. A corrupção e as feridas, mantidas e preservadas, são um estado de saúde perfeito. Alguma coisa palpita neles, e não é o coração. Suas roupas, por outro lado, estão em farrapos, rasgadas, manchadas, desbotadas pela chuva, deterioradas pelo uso. É um espetáculo impressionante vê-los desnudar-se pouco a pouco. Boleiam seios e órgãos genitais, aparecem nádegas. Não são apenas assustadores, são grotescos.

Minhas duas espingardas são minhas muletas. Gosto quando o corpo delas fica quente após cada disparo. Há vida nelas.

Comecei a abater zumbis desde o primeiro dia da epidemia. Queria ajudar os resistentes e os fugitivos, aqueles que tinham ousado sair às ruas. Eu, que sou o mais inofensivo dos seres, revelei-me talentoso no tiro de espingarda. Posteriormente, compreendi que lhes mover guerra desempenhava um papel: não soçobrar no desespero. Estava ativo.

Matá-los é simples: basta atirar na cabeça deles. É uma arte que havia muito tempo sonhava em praticar. Realizar esse desejo não é um contentamento desprezível, concordo. Não é uma feira: é melhor.

Tenho meu modesto ritual. Sirvo-me de uma taça de vinho, sento-me na poltrona na sacada, coloco o cano da espingarda no parapeito e explodo-lhes a cabeça.

Não era evidente que isso se devesse fazer. Essas criaturas foram vivas, teriam podido ser meus amigos e meus colegas. Pior ainda: meus leitores. Eram seres humanos. É claro que sempre tive a sensação de pertencer a uma espécie diferente, mas vê-los transformados em monstruosidades me lembrou nossa ligação. A sua covardia e a sua superficialidade passadas já não me pareciam tão importantes. No estômago e no coração, eu sentia o desejo de vingá-los. Seria necessário que os homens desaparecessem para que me comovesse por eles.

Para ser honesto (e como já ninguém está lá para me julgar, deixo-me levar pelo prazer de parar de mentir para mim mesmo), meus sentimentos não são tão nobres: eu gosto de mandar bala nas criaturas que levam os sinais exteriores que teriam justificado minha animosidade antes dos eventos. É com prazer que abato certa vadia com suas roupas finas, certo imbecil em seu terno preto ou em sua roupa descontraída. São encarnações de dois horrores: zumbis e meus inimigos sociais. É uma vingança póstuma contra todos os cretinos sombrios que tentaram estragar minha vida desde a infância.

Estar num bairro da moda como Pigalle tem uma grande vantagem: posso mandar bala nas sombras da juventude gastadora e egoísta, a burguesia moderna, falsamente preocupada com os pobres, predadora e altissonante.

* * *

Nos primeiros dias, eu atirava nos zumbis por pânico, sem acertar em nada, para ter a impressão de estar fazendo algo. Foi ao cabo de uma longa semana que me dei ao trabalho de atirar para matar, e isso se tornou um ato pensado. Precisei de uma garrafa de vinho e de uma meia hora antes de finalmente voltar a mira para a altura de uma testa e puxar o gatilho. Tinha medo de me pôr neste papel de matador, que não se parece comigo. Medo principalmente de suscitar a cólera deles e de ficar marcado. Atirar era uma declaração de guerra. Sou o contrário de um combatente, não há sangue de caubói ou de samurai em mim; sempre evitei os confrontos. Mas desta vez eu não tinha escolha: o

mundo queria minha morte. Puxei o gatilho. O recuo da espingarda fez minhas costas deslocarem-se para trás. A bala foi perder-se no céu. A segunda tentativa me permitiu alojar uma bala na perna de um zumbi. Ele nem sequer se deu conta disso. A terceira tentativa foi boa: a bala entrou acima dos olhos de um zumbi macho de terno. Desmoronou.

Não parei de me aperfeiçoar. Agora é um verdadeiro prazer seguir a marcha desajeitada e imbecil deles e esperar que virem o rosto em minha direção. Sorrio e aperto o gatilho. A cabeça deles explode, liberando uma gelatina vermelha e marrom. Seus olhos nem sequer demonstram um instante de surpresa. Eles dão ainda um ou dois passos, cambaleiam e desabam. Seus semelhantes não reagem. Não compreendem que acabei de matar um deles, que poderia ser a vez deles mesmos. Não se escondem, não se protegem. Acabei compreendendo o porquê: são multidão. São a própria Morte que não tem medo da morte. O número deles os protege de qualquer desaparecimento.

Estabeleci uma regra para mim mesmo: nunca atirar em suas costas. Quero permanecer ligado a valores, a princípios e a regras, porque isso me diferencia deles. No entanto, não me iludo quanto à minha moral: se sair um dia, não hesitarei em atirar-lhes nas costas. Uma pessoa é muito nobre e cheia de ética quando está num lugar seguro. Na verdade, minha sobrevivência está em primeiro lugar, e os zumbis não contam para nada.

Até este dia, abati 109 (traço barrinhas no parapeito de pedra da sacada). O estoque de balas no armário do quarto é grande, mas não é eterno.

Mato três zumbis por dia, de modo a ficar atento e a melhorar meu tiro. Mais simbolicamente, isso me permite ter sempre presente no espírito nosso antagonismo total: afirmo e reafirmo que somos inimigos. Matar mais deles não teria sentido. Sei que nunca chegaria ao fim: eles são muito numerosos. Em certos dias, não há mais que uma dezena deles no bulevar diante do edifício, mas, outras vezes, deslocam-se aos milhares. São como ondas de uma maré maléfica com seu ritmo próprio, lamentoso, assombrado por uma fome perpétua, mordendo o vazio à espera de uma presa.

Afrontá-los não me desagrade: enfim os adversários com que já não há razão para polidez, conveniência, códigos sociais. Não! Está claro. Odeio vocês e vou matá-los. Faz um bem incrível abandonar o verniz humanista que nos impedia de massacrar os filhos da puta que ditavam suas leis. Tenho um objetivo, um combate: eu existo. Vingo-me de trinta e tantos anos de maus-tratos. E, meu Deus, como isso me faz feliz!

Há grunhidos, farfalhos, coisas que se movem e quebram. Sobretudo durante a noite. Por muito tempo, despertei ao menor som, levantei-me, embrulhado nos cobertores, para colar as costas à porta do apartamento, com uma espingarda contra o peito. Compreendi rapidamente: são barulhos normais de um edifício — os micromovimentos do assoalho, uma pedra que se deforma, as diferentes pressões que se enfrentavam. Um edifício é um campo de forças: a madeira e o concreto empurram cada um de seu lado, negociam um pouco mais de espaço, tentam estender-se, viver juntos, como milhares de enxertos grudados e superpostos.

Escrevo e como na mesma mesa de madeira retangular, no canto do sofá-cama, diante da porta-janela que dá para a sacada. Tenho minhas canetas e meu caderno. Agarro-me às palavras que escrevo. É escrevendo que penso. O desenho das letras e das palavras afasta o horror. Este retângulo de 15 por dez centímetros, com tampo preto e flexível, é uma balsa de sobrevivência: estou em segurança quando escrevo. A partir do momento em que deito a caneta, o caos retorna e também a tristeza de ter perdido aqueles que amo. A tinta na página me salva, amo seu odor, amo as manchas que deixa nos dedos; é o contrário do sangue. Enquanto estou concentrado no caderno, tenho a impressão de me encontrar, os monstros desaparecem, estou em meu casulo. Ademais, escrever é meu trabalho, é o que me define. Tomo notas sobre os acontecimentos para o leitor que sou, para dar-me conta do que se passou e do que continua a desenrolar-se diante de meus olhos. Escrevo também na esperança de leitores futuros que compreendam e levem nossa memória. Traço o perfil dos seres que conheço, desenho-lhes o rosto antes que minha memória os transforme ou os apague. Escrevi na noite em que Noémie e eu nos havíamos encontrado. Era em maio, um mês de maio chuvoso e doce, já faz oito anos. Estava fazendo pesquisas na biblioteca de Sainte-Geneviève para um episódio da novela. Ela era estudante. Eu tinha pegado todos os livros sobre perfumes — o episódio que tinha de escrever tratava da ascensão de um jovem perfumista. Noémie era estudante de química, e sua dissertação era sobre a duração dos perfumes. Ela tinha posto as mãos diante de mim, entre minhas notas, e, sem um sorriso, me tinha acusado de ter “roubado” os livros sobre o assunto. Sorri. Ela respondeu a meu sorriso. Propus-lhe partilhá-los. Demos prosseguimento à noite em torno de uma taça de vinho. Ela vestia uma saia azul com bordado branco, muito fino; seus olhos passavam da malícia ao mais sério. Depois ela foi juntar-se ao seu namorado. Ao fim de um ano de encontros, de e-mails e de trocas de livros na confeitaria vienense da rua da École-de-Médecine, ela acabou por deixar aquele sujeito, e nós passamos a sair juntos. De meu ponto de vista, nossa relação tinha sido forte e magnífica. Do ponto de vista dela, tinha sido romântica e cansativa: corria-se sempre atrás de dinheiro, não havia férias. Acho que nos amávamos, mas não queríamos a mesma coisa. Ela aspirava a uma vida social, a saídas e a viagens; eu propunha apenas sessões de cinema para filmes preto e branco e noites de leitura na cama. Ela queria jogar o jogo de uma sociedade que me transtornava. Bastava-me uma piscadela para eu detestar seus amigos e sua família. Separarmo-nos era inevitável.

Escrevi também minhas memórias do professor Inselberg, meu mentor na faculdade de Antropologia, aquelas noites em que ele recebia os estudantes mais apaixonados para discutir enquanto bebia um antigo chá preto que tinha gosto de turfa, de sub-bosque e de cogumelo. Ele vivia com a esposa (uma professora de matemática desempregada em razão de problemas psiquiátricos) num apartamento de três cômodos no 5º arrondissement. Havia livros por todos os lugares e uma bela coleção de vinis de jazz dos anos 1920 e 1930. Na casa dele, qualquer pessoa se sentia protegida. Com sua voz delicada e cheia de vida, contava-nos tanto sobre Heródoto como sobre suas estadas em tribos distantes ou sobre o exotismo das reuniões na universidade.

Preparei-me um copo de chocolate quente com água; corto um pedaço de um bolo artificial de nozes e açúcar de confeitiro. Pássaros cruzam o céu. O perfume de minha roseira está mais presente que nunca. De vez em quando cai uma pétala, e eu a ponho numa estante. Certos dias são menos difíceis que outros.

A porta-janela está praticamente o tempo todo aberta. É verdade que isso me expõe aos grunhidos dos zumbis, mas tiro proveito do canto dos pássaros. Estou à espreita de seus assobios e lhes respondo cantarolando. Toda manhã, esmigalho um biscoito na sacada.

Sinto falta da música. Tenho um velho iPod, pequeno animal em hibernação que contém em seu ventre todos os álbuns do Clash. Desenterrei um trombone do fundo do guarda-roupa do quarto de Stella. Ela deve ter tido aulas quando era jovem. Isso me comoveu. Toco todos os dias sem restrições, sem temer comentários e zombarias: não há nenhum vizinho aqui para reclamar. Quando guardo o trombone, não há barulho, nem rádio, nem gritos.

O silêncio foi uma descoberta, como a descoberta de um continente. Ele apareceu na manhã em que a última rádio local (perto de Colmar) se apagou. Durante três dias, minhas orelhas zumbiram. Pensei que fosse ficar louco. Meu cérebro tinha necessidade de substituir o barulho exterior, de preencher o silêncio. Na noite do terceiro dia, o zumbido desapareceu e eu fiquei com o silêncio. Considerei-o cheio, espesso, gorduroso, nauseabundo. Isso me deixou doente: ele era muito calórico. Eu era obrigado a tomar soníferos (o armário de remédios de Stella é um verdadeiro baú de tesouro cheio de psicotrópicos) para dormir e ansiolíticos durante o dia. Quebrava pratos. Fabriquei uma campainha rudimentar com garfos velhos e pedaços de ferro ligados a um fio, que tilinta quando abro a porta-janela. Todas as ocasiões são boas para inventar um som. Além disso, algumas vezes por dia os zumbis urram.

Mas o silêncio sempre volta. Tive mesmo de decidir-me a aceitar que ele se insinua em todo o meu ser. Deixei-me vencer e deixei que se apagassem meus velhos hábitos sonoros, esse zum-zum perpétuo da vida civilizada. E, afinal, isso foi um ganho. Tomou-me diversas semanas, mas hoje vejo quanto o silêncio que me irriga me torna mais forte e mais estável. É um rio invisível em que me banho e cujos alimentos estão ao alcance. Já não é sinônimo de medo. Pelo contrário, se está presente, é porque está tudo bem. Já não há vendedores de sorvetes, já não há entregadores ou transeuntes. O barulho significa tão somente uma coisa: "Perigo, aproximam-se zumbis." O barulho é a morte.

Abro os olhos e tenho a intuição de um belo dia. Agora já consigo saber que dias serão enfadonhos, tristes, desesperados, e que dias serão quase agradáveis. Os passarinhos cantam como nunca. Tenho arrepios, ponho um pulôver por cima da camiseta e me levanto. Algumas esticadelas, algumas flexões, café da manhã, café quente, dois bolinhos em saquinho, meio copo de suco de toranja. Um estorninho pousou no parapeito da sacada. Sorrio para ele.

Subo até o telhado para me higienizar. A cada passo, estiro os músculos das pernas, curvo as costas. Entreter o corpo é realizar pequenos gestos.

Com um chute, abro a porta. Vou direto para a bacia, tiro o pulôver e a camiseta. Inclino-me sobre a água. Vejo o reflexo de outro rosto, sombrio e contorcido.

Rolo. O zumbi se esborracha na bacia. Merda! Não estou com a espingarda. Por que razão me senti em segurança? Que é que em minha mente imbecil me permitiu acreditar que eles não escalariam os prédios adjacentes? Olho em volta de mim. Ele está sozinho. A porta do telhado do prédio ao lado está aberta. Não tenho tempo a perder. Ele se levanta como que teleguiado. Vem em minha direção. Tudo acontece muito rapidamente. Agarro a cadeira em que me sento para almoçar e com ela acerto o peito do zumbi. Muito baixo. Ele recua um pouco e parte novamente com os braços estendidos para frente. Tento não olhar para seu rosto, mas meus olhos captam imagens fugidias de sua monstruosidade. É uma fêmea, tem cabelos longos. A pele da testa foi arrancada e deixa aparecer a caixa craniana. Tento acertá-la novamente, mas a cadeira escorrega-me das mãos e vai parar atrás dela.

Eu recuo, ela me segue: isso pode durar eternamente. Ela é bastante lenta, seus gestos e seus passos têm certo peso, mas ela é eficaz. Olho atrás de mim. Preciso de uma arma; com as mãos nuas, vou morrer. Tenho de acertar a cabeça dela. Pego a enxada com que jardim e dou grandes golpes em seus lados, nos flancos, para mantê-la à distância, mas ela zomba e aguenta. Por fim, acerto-lhe a cabeça, mas sem efeito. Seria necessário explodir-lhe o crânio para chegar ao cérebro.

Ela se torna cada vez mais agressiva: dentes salientes, grunhidos, olhos injetados, como um animal raivoso. Ela se lança para mim, braços para frente. Esquivo-me. Acerto o crânio não muito fortemente. Desgasto-me, e ela permanece em plena forma.

Compreendo que no corpo a corpo não tenho nenhuma chance. Vou fazer um movimento em falso, cair, e ela me agarrará. Minha vida está em jogo aqui. Isso poderia ser um freio, congelar-me, mas me dá energia. Não vou deixar-me enganar. Ao menos uma vez, o combate é de igual para igual.

Mantenho-a à distância, acertando-a no peito. Obrigo-a a recuar. Minha arma improvisada vibra nas mãos. Uma farpa entrou-me na mão e sangro, mas nada sinto. Pouco a pouco, conduzo-a para onde quero. Importunada pela minha perseguição, ela não percebe que se põe em perigo. Avança mecanicamente para cima de mim.

Enfim, ela está com as costas voltadas para a beira do telhado. Arremesso a enxada para frente, a ponta acerta o meio do peito. Ela vacila, mas não reage à perda de

equilíbrio, seu rosto permanece bastante agressivo, ela cai, mas não desiste, seus dedos continuam a apontar para mim. Estatela-se no chão, e fico observando. Não tenho a sensação de uma vitória. Quase morri por causa de minha in consequência.

Nunca, nunca mais aquilo deve reproduzir-se. Prego tábuas nas portas do telhado dos dois imóveis adjacentes. Acrescento tijolos. Mas os zumbis podem vir de mais longe. Há bem uma dezena de prédios que permitem chegar até o meu pelos telhados. Selo as portas deles. Isso me toma dois dias. Abro um buraco na porta do telhado de meu prédio; doravante, observarei se o caminho está livre.

Não nos tinham dito. Alguém deveria tê-lo compreendido. O ódio é um prazer, puro e sem nuances. Fornece um céu e um chão, um ar e uma água. É um alimento completo, nutritivo e vitaminado. Enfim, posso permitir-me ser franco: há inimigos. E eles não possuem nenhuma circunstância atenuante. São inimigos feitos de milhões de átomos inimigos. São perfeitos. Isso é quase bonito. Eles se arrastam, lentos e feios, agressivos e idiotas.

Já não me contento com abatê-los propriamente. Alojoo uma bala num joelho e observo quanto tempo levam para cair. É um jogo hilário. O osso se desloca, e eles tombam em desequilíbrio, mas continuam a avançar. Miro nas articulações das mãos e dos braços. Evito cuidadosamente o crânio. Logo eles não são mais que uma massa amorfa, ensanguentada e que se contorce. Tento educá-los para a dor. Eles não sofrem em sentido estrito; seu único sofrimento seria uma incapacidade de morder uma presa eventual. Então lhes explodo o rosto. Sem dentes, não podem morder; tornam-se seres inofensivos, com bocarras, e ridículos. Toda vez que me entrego a um massacre, desperdiço uma boa dúzia de balas. Mas o espetáculo vale a pena.

O ódio é o sol de meus dias. Ele tirou-me de minha letargia. Encheu-me de forças e desenha um sorriso em meus lábios. Olho no espelho da sala de estar e vejo-me feliz, os olhos brilhantes, um sorriso extático nos lábios.

Nos apartamentos, encontrei oito velhas máquinas fotográficas: uma Rolleiflex, uma Leica e algumas Reflex de qualidade mediana. A camada de poeira sugeria que não eram utilizadas havia bastante tempo. Tinham sido relegadas a caixas de papelão e a fundos de armário, substituídas por máquinas modernas, e hoje estão inutilizáveis. O fim da civilização é a sorte delas, seu retorno à vida: não precisam ser recarregadas na eletricidade. O estoque de filmes chega a doze, com os quais dá para tirar quase trezentas fotos. Tiro uma foto por semana: do meu local de vida, dos zumbis, da cidade deserta, dos pássaros. Estes filmes nunca serão revelados. Mas saber que imagens da vida cotidiana repousam nestes aparelhos faz parte dessas artimanhas que me ajudam a inserir-me neste novo mundo. Não sou o único a ver o que vejo. A técnica o registrou. Há provas.

Paris está magnífica desde que a cidade ficou abandonada e em ruínas. A calma e o vazio permitem admirá-la como nunca. Estamos no dia 25 de maio, e as árvores do Bulevar Clichy explodem em botões e folhas. Insensíveis ao nosso desaparecimento, os pássaros volteiam e cantam. É a eles que associo minha alma.

Faz quase três meses que a epidemia começou. A natureza está cada vez mais presente. Ontem descobri um ninho de rolinhas na calha de um edifício de Montmartre. As plantas de vaso estão mortas, enquanto as outras escalam as paredes e se espalham.

A cidade resiste bem. A vegetação local não vai recobrir Paris. Não há risco de que ela se transforme numa cidade perdida na floresta virgem. A natureza e as construções humanas estão lado a lado. Os imóveis abandonados e a flora que retoma pouco a pouco seus direitos vestem Paris de adornos inéditos. Agora que ela já não serve para nada, eu amo esta cidade. Sinto-me em casa. Era preciso livrar-se dos parasitas do trabalho e da agitação comercial, dos bares e das conversas idiotas. Ela finalmente respira e relaxa; sua beleza nunca foi tão estonteante.

Passei a tarde observando o voo das andorinhas. Suas penas pretas e brancas recortam o céu em fatias. Os pássaros voam juntos e se separam. São jogos amorosos, sem dúvida. É-me reconfortante o fato de que a natureza se ama e pensa em reproduzir-se. Quando duas andorinhas, um macho e uma fêmea, escaparam juntas, fiquei tão emocionado como na primeira vez que vi Humphrey Bogart e Lauren Bacall beijarem-se no cinema.

Após ter recolhido água da chuva em doze bacias de plástico amplas colocadas no telhado, transvaso-a para garrafas e cantis. Anoto a data com hidrográfica nas etiquetas que colo em cada uma e armazeno-as perto da cama e na sacada, de modo a beber as mais antigas antes das novas. Uma das tarefas rituais de meu dia consiste em verificar meu estoque de água. Não corro o risco de morrer de sede: há garrafas de vinho suficientes nos apartamentos do edifício, o que me permite aguentar por meses.

Amantes de camping e de caminhadas tinham morado no prédio; eu tinha encontrado quinze pequenos botijões de gás. Utilizo-os com parcimônia, para o café e quando estou de saco cheio de comer comida fria.

Meu pai chamava a isso “fazer higiene de gato”. Quando eu era criança, em certas noites, muito cansado, eu me lavava com uma simples luva de banho numa bacia. Revivo essa tradição. A primavera me permite fazê-lo no telhado. Um pouco de sabão, uma luva, esguichos de água sobre o corpo. Tenho o hábito de me lavar com água só levemente morna: o aquecedor da minha antiga quitinete funcionava mal. Anos de sofrimento me prepararam para enfrentar esta vida nova. Evidentemente, este inverno será mais difícil. Esquentarei a água na lareira e me lavarei como nossos ancestrais. Constituo minha reserva de madeira, quebro portas e armários e os reduzo a tabuinhas.

Instalei novas prateleiras na sala de estar. Coloco ali as provisões que não paro de encontrar nos apartamentos: medicamentos e latas de conserva. Organizo as armas (pistola de alarme, spray de pimenta, gás lacrimogêneo, faca, sabre japonês — é inacreditável tudo o que se pode encontrar em apartamentos aparentemente respeitáveis) numa caixa sob o piano.

A vista é bela. Se eu não abaixar a cabeça para o bulevar, não vejo os zumbis, mas Montmartre. Meu cérebro consegue cada vez mais frequentemente atenuar os gritos e os grunhidos deles. São como os grilos de Provença (mas por vezes se tornam verdadeiros acúfenos).

Tentam entrar em minha mente durante o entardecer, e sobretudo à noite. Mas, pausadamente, passo a passo, eu os repilo. Quero sobreviver. Por quê? Não o sei, na verdade. Apenas tenho a intuição de que é isso o que devo fazer.

Esta noite matei dois zumbis. Seus crânios explodiram durante o pôr do sol, e foi belo.

Apesar das centenas de horas passadas escrutando os prédios e as ruas com um binóculo, não vi nenhum sinal de outra presença humana. No entanto, continuo a fazer isso. As pessoas foram contaminadas — ou mortas — em seus carros, no transporte público, tentando fugir (os acidentes de trânsito, os movimentos de pânico certamente mataram milhares de pessoas). Erro trágico. Fugir para onde, seu bando de cretinos? Para o interior? Parisienses idiotas, ingênuos idealizadores da natureza. No campo, estão a descoberto. Era necessário ter ficado no mesmo lugar. Paris não estava desmoronando, era a humanidade que soçobrava. Era necessário estar agarrado à nossa cidade como a uma balsa.

Não penso que a espécie humana vá desaparecer. Não tenho nenhuma dúvida acerca do fato de que há pessoas mais paranoicas (e mais astutas, mais hábeis, mais misantrópicas) que eu e que vivem em trincheiras ou em bunkers (e infelizmente não são meus pais, não são os meus amigos). Imagino que alguns pouquíssimos bilionários tenham escapado de helicóptero até certa ilha paradisíaca ou até certa montanha inacessível. Não me inquieto, a espécie humana sobreviverá. Somos as verdadeiras baratas do mundo: resistentes a tudo. Mas a Terra já não nos pertence; entregamos as chaves.

Mas há algo que reconheço neles: são perseverantes. Passaram-se três meses, e, ao menos uma vez por dia, eles ainda se concentram embaixo do prédio, esticam os dedos em minha direção. Criaturas obsessivas, não se cansam. Sendo eu mesmo uma criatura obsessiva (todo escritor o é), compreendo-os: não deixamos escapar nada. Há algo mecânico neles como num brinquedo ou num fenômeno natural. Já não me surpreendem: apareço na sacada, faço barulho, e eles tomam a direção do prédio. No início, esse automatismo me causava terror, hoje me conforta.

A aparência física deles tende a unificar-se: têm a pele cinza-escura, cabelos sombrios, caminham no mesmo ritmo lento. Poder-se-ia pensar que não têm individualidade. De longe, formam uma massa de cabeças e braços, como o coro de uma ópera. No entanto, quando não se dirigem a uma presa hipotética, quando cada um se arrasta em seu canto, então vejo aparecerem as singularidades. Há restos de sua personalidade passada: tiques, certa maneira de manter a cabeça, de semicerrar os olhos, de levantar as costas. Isso não é flagrante. Mas a descoberta dessas marcas pessoais me fez bem. Isso lhes imprimiu caráter. Desde ontem, escolhi dois, chamei-os Richard e Catia (nomes dos heróis de meu antepenúltimo romance, *O amor é um sol sob a chuva*) e sigo-os com o binóculo. Richard é corpulento, tem cabelos meio longos, usa tênis e um longo casaco preto. Catia veste uma calça de veludo malva, um colete azul-marinho, e seus cabelos estão amarrados em tranças.

Eu me ligo a eles. Pela manhã, procuro-os na multidão. Assim que os identifico, fico feliz. Vejo-os andar em círculos e caminhar ao lado de seus congêneres. Adotei-os. Assim, tenho a sensação de vencer a multidão de zumbis. Já não vejo centenas de seres monstruosos. Vejo Richard e Catia, que passeiam. Do alto da sacada, dirijo-lhes um pequeno sinal com a mão. Eles me respondem com os braços levantados.

Ponho a mão sobre o despertador. O tempo está levemente frio; puxo o cobertor sobre as costas. Meu primeiro olhar é para minha roseira. Passo a mão por suas folhas como se acariciasse um animal doméstico. Mas a roseira não reage.

Necessito sentir um corpo.

Depois que me separei de Noémie, não conheci nenhuma mulher, nenhuma história, nenhuma aventura sexual. Isso não correspondia à minha concepção das coisas. Eu me mantinha ocupado de outra maneira: escrevia, lia, cuidava de mim, domava a solidão. Tinha contatos humanos; até os solicitava. Um aperto de mão, dar beijinhos no rosto das moças das editoras Galaxy e Pégase e no de Lucia; os abraços em meu pai e em Miguel; a mão das crianças enfermas que eu segurava e que elas apertavam. Meu corpo tocava e era tocado.

Havia quatro meses que isso não acontecia. Levei algum tempo para compreender que isso era importante — ainda mais que falar, ouvir, ver, ser visto. Tomei consciência de uma evidência: estou desaparecendo. Se ninguém me toca, eu não existo. Dissolvo-me no ar, torno-me nebuloso. Meu corpo se expande, cresce como uma poça de xarope de bordo — poça xaroposa e sem limites. As fronteiras de meu corpo já não são delimitadas pelos marcos dos apertos de mão e beijos no rosto, esses pequenos gestos que nos fazem existir fisicamente. Não é dor, é pior: torno-me o mundo; já não há diferença entre a natureza e mim.

Causei-me numerosos e pequenos ferimentos desde o início dos acontecimentos. Compreendo agora que era uma maneira de me remeter a meu corpo e a certa saúde mental.

Aproximo o dedo de um espinho da roseira e furo-me. Uma gota de sangue aparece. Ótimo, estou aqui. Mas não é suficiente. Meu corpo tem fome de contato com um ser que tenha consciência de mim.

Levanto-me. Pego um bolo seco de chocolate branco na estante. Bebo um copo d'água.

Visto a parte de cima de uma roupa de mergulho, enrolo o braço num filme de PVC, acrescento um suéter. Calço uma luva de látex na mão esquerda e acrescento uma segunda; recubro-as com uma luva de caxemira, com uma luva de mergulho, e, por fim, calço uma luva de motoqueiro. Enrolo uma corda de alpinista nas costas e desço até o segundo andar. Fico por um instante diante da porta do apartamento que fica exatamente abaixo do meu. Empurro a porta e entro com passo decidido. A decoração é toda feita de rattan e de móveis exóticos de pouco valor: há máscaras africanas nas paredes e fotos emolduradas de agências de viagens. Abro a porta-janela. Uns trinta zumbis no bulevar, imóveis, como árvores disformes. Bato no parapeito da sacada com uma colher grande. Clang-clang, clang-clang. Eles se animam instantaneamente. Seu queixo se levanta, e eles dirigem-se para o prédio.

Logo estão aqui, mãos estendidas, baba nos lábios, grunhindo, olhos maldosos.

Faço um nó corrediço com uma extremidade da corda. Técnica vista num documentário sobre gorilas. Malditos caçadores de gorilas! Desço a corda, um zumbi tenta agarrá-la,

contorno-o, coloco o nó em volta do pescoço de um zumbi que parece ser fraco. Em todo caso, não se tratava de uma criança, caso contrário eu não poderia fazê-lo; um homem jovem, penso. Estava tão deteriorado, que é difícil dizer o que era. Talvez fosse um avô. Dou um puxão seco. O nó corrediço se fecha em volta de seu pescoço. O zumbi não reage. Ele me encara. Comecei a içá-lo. É mais fácil do que imaginava. Arranco-o do grupo de seus congêneres, seus pés deixam o solo. Seu crânio chega à altura do primeiro andar. Seu cheiro de podridão me alcança. Puxo mais um pouco, isso deve funcionar. Ele não pode alcançar-me; em equilíbrio, em pleno ar, a cabeça presa na corda, como um enforcado que recusasse a morte. Amarro a corda em volta do parapeito. Aproximo a mão esquerda até o ponto em que seus dedos roçam os meus. Arrepio-me. O zumbi é tomado de verdadeira fúria, fica cada vez mais excitado, mexe-se em todos os sentidos. Eu recuo.

Preciso assegurar-me. Amarro a corda em torno de minha cintura e amarro-a numa das barras de ferro da escada diante do apartamento. Ponho duas facas na cintura, conservo uma na mão. Estão impecavelmente afiadas. Posso prosseguir. Avanço o braço de novo e, desta vez, deixo o zumbi tocar minha mão enluvada. Dez pequenos dedos que são as armas do criminoso. Ele corta um pouco o couro da luva. Arranha e arranha como uma centrifugadora viva. Aproximo mais a mão. Desta vez, ele consegue agarrá-la. Sua mão esquerda se fecha sobre a minha. O contato é franco. Sinto uma descarga na coluna vertebral. Eu existo, sei quem sou, os contornos de meu corpo se redesenham. O zumbi se agita. Seu braço direito balança. Por fim, ele apoia a mão direita na minha esquerda. Segura-me com as duas mãos. A corda entrou profundamente na carne de seu pescoço; sua cabeça vai acabar por separar-se do corpo. Ele puxa minha mão em direção a seus dentes, avança com a boca. Mas, sem ponto de apoio, é esforço inútil. Debate-se; um peixe fora da água, poder-se-ia dizer. A pressão em minha mão é imensa, ele a comprime, e isso me devolve a energia. Tenho de parar. Está tudo bem, devo parar agora, agora. Sacudo o braço, mas ele não o deixa, qual anêmona num rochedo. Ele não me soltará. Abaixo a faca afiada e começo a cortar seu pulso esquerdo. A pele está seca, o sangue não esguicha, corre pesado e grosso, a faca entra sem dificuldade; forço e rompo os tendões. A lâmina atravessa o antebraço de um lado a outro. Há veias na ponta: penso em espaguete. É de fazer vomitar. Com dois golpes secos, termino de cortar a mão. Ela permanece enroscada em minha luva. O zumbi gira o braço sem a extremidade, sua raiva não esmorece. Corto a segunda mão. Ela também fica agarrada à minha mão. Calmamente, com a lâmina da faca, levanto cada dedo teso. Tendo retirado as duas mãos, empurro-as da beira da sacada; elas rodopiam como grãos de bordo, helicoidalmente, e caem em cima dos zumbis lá embaixo. Corto a corda, o zumbi estatela-se no chão. Levanta-se, sem mãos, mas ele está pouco se lixando para isso.

Livro-me das luvas, do suéter e da parte de cima da roupa de mergulho. Obriguei uma espécie inimiga a apertar minha mão. Já se fizeram as apresentações.

Quero dizer quem sou, dizê-lo a mim mesmo, lembrar-me de onde venho.

A adolescência é o momento em que decidimos o que vamos fazer do mundo. Ele era demasiadamente violento e feridor para mim, e por isso escolhi considerá-lo como tema. Escrever era minha proteção contra a mediocridade do cotidiano e contra a violência das relações humanas. Eu era um dos quatro membros ativos do clube de ficção científica do colégio (tínhamos uma camiseta com o cartaz de *The Bride of Frankenstein*). De repente, senti-me bem com as séries B: era o gênero dos maus alunos e dos solitários.

Durante seis anos, escrevi para as edições *Galaxy*. Nossos livros eram encontrados nas estações, nos aeroportos, nas máquinas automáticas, nos supermercados, em certas livrarias de espírito muito aberto e na internet para download legal e ilegal. Na *Galaxy*, éramos dezenove autores. Escrevíamos para comer, para pagar nossas contas, e estava ótimo assim. Nossa literatura estava ligada à vida e dizia algo sobre o real pela simples razão de que ela enchia nossa geladeira. É claro que aqueles de nós que refletiam sobre o estilo, que tentavam fazer crescer sua arte, eram uma minoria, mas, pelo menos, estávamos vacinados contra aquela doença que acomete os artistas sérios: a necessidade de reconhecimento que o transforma em aluno ávido de boas notas. Éramos vadios, logo éramos livres; e pobres.

A literatura de gênero falava aos que não estudaram e não fazem parte das elites. Era um meio de fazer passar coisas de modo clandestino. Durante seis anos, escrevi romances água com açúcar, mas nos quais jovens mulheres mandavam para o chão seu agressor graças às aulas de tae kwon do; uma mulher de cinquenta anos refazia a vida com um homem mais jovem; uma médica desafiava um laboratório farmacêutico criminoso; uma jovem questionava tudo o que se esperava dela, todos os clichês amorosos e profissionais. Discretamente, eu invertia os valores, destilava um contrapoder. Eu era livre, pois ninguém se incomoda com literatura popular. Ela não é vigiada.

Eu me virava. Todas as manhãs, preparava uma tigela de flocos de aveia com leite de soja e um café e me punha a escrever antes mesmo de tomar banho. Era modesto. Tinha uma existência bastante comparável à de qualquer operário ou artesão. Não ganhava muito dinheiro, mas me esforçava por fazer um bom trabalho. Proporcionava diversão a mulheres jovens e a avós, a homens malcasados e a solteiros empedernidos. Discretamente, eu lhes propunha outros modelos. Tudo poderia ter continuado assim, eu teria acabado por ter meus leitores fiéis, minhas séries teriam tido algum sucesso. Mas o proprietário da *Galaxy* tinha pensado que seria mais feliz na Guatemala: foi embora com a tesoureira. Não apenas não tínhamos recebido nossos direitos autorais, assim como a editora foi à falência. Foi o caos. A *Galaxy* era meu ninho. Eu conhecia as secretárias e as assessoras de imprensa, tomávamos café juntos na sala da editora (tão limpa e fria, que foi apelidada "necrotério"). Sentia-me bem ali. Tudo desaparecia de uma só vez. Não havia editoras equivalentes. As outras já tinham seus autores, e as vagas eram raras. Tinha batido à porta das pequenas e das grandes editoras, das revistas e de sites da internet. Nos últimos anos, tinha conseguido, com dificuldade, emplacar dois manuscritos na Pégase e

um na Arlequin. Duas vezes menos que na Galaxy durante o mesmo período. Passava por um mau momento. O arroz constituía o essencial de minhas refeições. O aquecimento tinha ficado desligado durante todo o inverno; eu tinha adquirido o reflexo de não deixar uma luz acesa inutilmente, repetia as mesmas roupas. Alguns dias antes dos acontecimentos, tinha começado a tomar notas para romances de ficção científica e policiais. Eu ia atacar em outros estilos. Tinha capacidade para tal. Não ia morrer de fome. De quando em quando, chamavam-me para substituir um palhaço no hospital.

Para sobreviver, precisa-se de imaginação. Esta imaginação não é própria dos artistas, penso até que a maior parte deles é desprovida dela. Há uma imaginação de trabalhadores manuais e de empregados; em cada profissão, há esses seres à parte que não se contentam com reproduzir, senão que se apropriam do real, inventam, desvelam. Muitos autores têm medo da imaginação, pois é uma fonte de mudanças, é uma força propriamente política. Consequentemente, seus livros são secos e frios, mantêm o status quo. O ódio à imaginação tem um preço: não ser capaz de imaginar o horror insuspeito é contribuir para a catástrofe final. Um artista é alguém que vê a guerra antes de ela se manifestar aos olhos de todos e que sobrevive.

Desde a segunda semana, coleí um calendário dos bombeiros em papel fotográfico na grande parede da sala: fotos de intervenções em acidentes, em inundações, gatos empoleirados em árvores. A princípio, desejei livrar-me desse vestígio do mundo antigo, dizer adeus a um artifício que fatiava o tempo para melhor nos submeter. Mas mudei de ideia. Estou sozinho; preciso ser prudente. Rejeitar os elementos idiotas mas familiares poderia contribuir para que eu perdesse o controle. Tomo todo o cuidado de anotar o dia, sublinho o nome do santo.

A vida é organização. Assim como as células de nosso corpo estão ordenadas, é necessário construir nossos dias, se não quisermos ver nossa estrutura mental desintegrar-se. Pelo menos essa é a minha hipótese. Não vou arriscar verificá-la. Antes, a sociedade era um esqueleto mental que sustentava os sonhos doentios e a vida do comum dos mortais. Enquanto escritor, sem horários, sem chefe, sem colegas, eu estava à parte, não dependia dessa organização. Meu espírito era bastante poupado dessa influência. Tinha conquistado uma pequena independência em relação à sociedade; e também o seu desaparecimento sem dúvida mexeu menos comigo do que se eu estivesse habituado aos horários de escritório, à hierarquia de uma empresa, aos fins de semana e às férias remuneradas. Os assalariados, a maioria, aqueles que fizeram a norma tanto quanto foram feitos por ela, certamente tiveram mais trabalho para sobreviver que os não conformistas de meu tipo.

Eu estava inserido no estilo de vida que eu tinha modelado para mim. Tinha, portanto, de reencontrar a estrutura vaga e imperfeita que articulava a minha vida do dia a dia.

Nada de muito militar. Meu emprego do tempo compreende uma grande parte de leitura e de meditação. O pequeno despertador de plástico amarelo colocado à cabeceira do sofá-cama toca às sete horas, e eu tomo o café da manhã (bolos secos, café). Em seguida, vou verificar a porta de entrada do edifício, as janelas do térreo e dos dois primeiros andares, a porta do porão, a do telhado. Esvazio as bacias da água que caiu durante a noite: eis como começam todos os meus dias. Esses gestos me são tão habituais, que chego a me esquecer dos zumbis: o hábito embrutece, graças a Deus.

Imagino os dias como crianças que se devem alimentar. São amorfos e sem objetivo; eu lhes ponho limites. Através da leitura, da escrita, dos exercícios físicos, da exploração dos apartamentos, da faxina, trato de educá-los.

Para que minha voz, agora inútil, não se extinga, falo. Fabriquei uma caixa de eco com papelão e madeira. Coloco a cabeça no interior, e, quando falo, minha voz volta para mim, em parte, desajeitada. Mas, ao menos, ouço uma voz humana. Evidentemente, converso com minha roseira, com meu reflexo no espelho do banheiro, com os pássaros e com os zumbis (mais especialmente com Richard e Catia).

Renunciei a me tornar um bom faz-tudo. Vários dias passados na leitura de livros sobre o assunto não mudaram nada: continuo muito pouco habilidoso. Pregar está entre minhas

competências; mas fabricar um ventilador ou um aerogerador para produzir eletricidade não, impossível. Tinha esperado que os acontecimentos tivessem como consequência ao menos uma reforma de meu caráter. Mas encontrei-me comigo mesmo mais que nunca. Mudar não teria ajudado, pois teria sido desaparecer, renascer e admitir este novo mundo.

Faço os exercícios necessários para que meu corpo não se deforme: flexões, halteres, alongamentos. Ter músculos definidos nos braços poderá revelar-se salutar se um dia eu tiver de enfrentar um zumbi com as mãos nuas (ou um humano agressivo). Cuido de meu corpo com a consciência de que já não há médicos ou dentistas. Tenho um estoque de analgésicos para aliviar-me, se for necessário, e para suicidar-me, se uma doença grave ou uma dor de dentes se revelar insuportável. Meu corpo contém mil potencialidades de morte. Uma crise de apendicite pode levar-me para a cova. Uma pneumonia me deixaria poucas chances de sobrevivência. Preservo-me. Cuido de mim mesmo. Fico atento à medicação. Recuperei antibióticos e medicamentos de todos os tipos, dicionários médicos e de farmacologia: Dorosz, Robbins & Cotran, Pathologic Basis of Disease. Sou meu próprio médico. Pretendo encontrar manuais de cirurgia e estudá-los para o caso de algum dia encontrar outros sobreviventes, de modo que possa operar coisas simples. Temos oportunidade de apropriar-nos do saber. Não é uma má notícia. Os médicos eram os guardiões da doença. Nós, nós podemos curar, ou então morrer.

Frequentemente o medo me agarra pela garganta quando caminho pelos apartamentos: armários fechados ameaçadores, sombras sob a cama, ruídos inexplicáveis. Sei que não há zumbis. Mas o medo está aqui. Creio que esteja ligado à presença de vestígios da vida dos seres que viviam neles. Há perfumes, seus objetos familiares, a expressão de uma personalidade na organização dos cômodos. E um dia isso desaparecerá. Sou o último ser humano a observar, a respirar os traços da existência deles. Estão apegados a mim.

Muito rapidamente, meu espírito pode entusiasmar-se, começar um ciclo de pensamentos obsessivos sobre os assuntos que vão pôr-me em perigo, empurrando-me para a depressão ou para o suicídio: meu isolamento, a ausência de meus pais e de meus amigos, a monstruosidade dos zumbis, o desaparecimento da civilização. Pouco a pouco, aprendo que eu podia controlar aquilo que surge inopinadamente em meu cérebro. Nós não somos nossos pensamentos. Eu estava errado em me identificar com eles. Estas reflexões negativas têm apenas o objetivo de me fazer cair, de me remeter à imagem que tenho de mim mesmo como um fracassado, como um homem incapaz de se virar. Elas são as irmãs daquelas que me diziam que eu ficaria solteiro e que meus livros jamais seriam vendidos. Com frequência, quando não consigo espantar esses diabinhos intracranianos, deixo-os passar sem me desgastar, afrontando-os, como nuvens no céu de minha alma. Não busco compreender toda a merda do lado de fora, como os zumbis e o fim da civilização. Já não busco encontrar um sentido nisso, pois esse é o meio mais seguro de cair no desespero. Pensamentos sombrios desfilam em minha mente como um trem numa estação abandonada e pouco a pouco desaparecem.

A esperança num mundo devastado é uma porcaria. O passado é uma armadilha; o futuro também. Resta somente o instante presente. Um segundo é uma fortaleza indestrutível.

Se minhas noites são calmas, de vez em quando uma febre de terror me desperta. Isso acontece por volta das duas horas da manhã. Os sonhos são o momento em que estou à mercê deles. Não podem atingir-me diretamente, mas em meus sonhos eles arrombam a porta e se precipitam sobre mim. Sobretudo, empurram-me para a depressão, destroem o frágil andaime de minha psique de sobrevivente solitário.

Nas primeiras semanas, minha cama está cercada de armas. Muito rapidamente, compreendi que o perigo principal era que eu voltasse uma contra mim. Meti-as num grande cofre sob o piano.

Não creio que eu possa livrar-me das intrusões de zumbis em minha alma e em meus sonhos. Aprendo a viver com estas crises. Foi ao cessar de lhes dar importância, ao aceitá-las, que acabaram por se atenuar.

Em um apartamento do terceiro andar (fotos emolduradas de estrelas fora de moda e de cães, rendas nas almofadas e nas cortinas), acabo de encontrar uma coleção de caixinhas de música. Cada uma toca uma ária diferente, trechos clássicos: O lago dos cisnes, A flauta mágica, Tocata e fuga em ré menor, Tristão e Isolda. Evidentemente, são interpretações simplificadas, mas reconheço as obras e isso é suficiente para mexer comigo. Para ritualizar meu tempo, decido que todos os sábados à noite desenvolverei uma garrafa de vinho e abrirei as caixinhas de música uma a uma para um pequeno concerto privado à luz de vela.

Minhas visitas aos apartamentos se parecem com uma caça ao tesouro. Pego quadros, móveis e livros. Passo um tempo olhando as fotos de família. Ontem constatei que isso já não me comove. Sinto-me cada vez mais longe dessas pessoas. Os seres humanos não estão mortos: dispersaram-se como castelos de areia engolidos pelas ondas. Estou curado da humanidade; já não choro. Já não sinto carência. Somente as lembranças pessoais permanecem: sou um mausoléu (eu vivo, eu devo viver para guardar a memória da passagem pela Terra daqueles que amei). Quando contarmos sobre o mundo desaparecido às crianças dos sobreviventes, quando contarmos sobre nossa liberdade e sobre nossa despreocupação, não acreditarão em nós: são contos de fada.

Revejo o professor Inselberg em sua poltrona de couro, com uma taça de chá na mão, dizendo-me: "O mundo nos ensina a dor, a tristeza e o medo. E, como somos bem-educados, incorporamos tudo isso, fazemos disso a nossa vida. É necessário que aprendamos a não ser bons alunos. A alegria e a felicidade são belas porque procedem da desobediência. Isto é viver: aprender a desobedecer."

Alguns zumbis se juntaram embaixo do prédio. Imagino que façam a limpa na cidade e acabem sempre por voltar aos lugares que já raparam. Seus deslocamentos não tomam sempre o mesmo caminho. Sua orientação depende do barulho que tenham ouvido — talvez dos cheiros — e também do acaso. A imitação está em seu instinto: se um deles toma de repente uma direção, atraído sabe-se lá Deus por quê, então todos os seus congêneres o seguem e, geralmente, o ultrapassam sem cerimônia. Empurram-se, derrubam-se, pisam uns nos outros. Felizmente, não possuem inteligência para construir uma escada: não pensam. A ausência de inteligência não impedirá vocês de conquistarem o mundo; por outro lado, vocês não conseguirão agarrar o pote de doces colocado no alto do armário. Uma puta ironia!

Moo o café manualmente com o moedor que descobri num apartamento do quinto andar. A água no pequeno fogareiro posto na mesinha de centro diante da lareira chega ao ponto de ebulição. Já não tenho ninguém com quem falar, mas me restam os odores e os perfumes. Moer o café evoca lembranças cheias e polpudas, imensas como certas paisagens; cenas inteiras são reavivadas.

Vou para a sacada. O tempo está ameno; não há nem uma brisinha, céu azul, nuvens fofinhas que desenhavam rostos e formas de animais.

Alguns zumbis caminham. Por alguma razão que ignoro, um deles vira a cabeça. Seus olhos se engancham nos meus. Ele me viu. O zumbi se dirige para o prédio. Seu rosto cinza e enferrujado de sangue seco se anima, seus caninos se tornam salientes, e ele grunhe. Há bons metros entre nós, três andares — não corro nenhum risco. Mesmo assim recuo, instintivamente. Dir-se-ia que ele se sente capaz de derrubar o prédio: nenhum medo, nenhuma consciência do impossível. Ele fica na vertical, exatamente embaixo de mim.

Recomponho-me. Estou de saco de cheio de tremer diante de seus rostos contorcidos. Penduro-me e inclino a xícara. O café se derrama docemente num fiozinho negro sobre o rosto do zumbi: um gesto infantil.

Ele não gosta disso. Grita. Seu rosto está deformado pelas dobras de ódio. Não é a dor, mas a cólera de ser tocado por uma força cuja natureza não compreende e contra a qual nada pode.

Dou uma baita gargalhada. Ver esse monstro humilhado me faz um bem enorme. A agitação atrai outras criaturas. De todo o bulevar, de mais longe ainda, chegam zumbis. Vou até as prateleiras de minha despensa. Desde o começo dos acontecimentos não tenho uma alegria tão intensa. Pego farinha, açúcar, um vidro de ketchup e um martíni e volto para a sacada. Uma pequena multidão de zumbis se amontoa em torno daquele que borrifei. As mãos deles se esticam em minha direção, e eles rugem. Vejo o lado cômico de tudo isso, o aspecto grotesco deles, suas preocupações mesquinhas: carne, sangue. Mas vocês não terão nada. Já não são predadores, mas seres ridículos e vãos, apetites sobre patas. Não muito diferentes de pessoas que conheci antes e seus apetites por dinheiro, sexo e poder.

Derramo a farinha. Uma nuvem polvorosa se abate sobre eles. Seus rostos se cobrem de branco; isso os humaniza, seus ferimentos desaparecem. Depois derramo o ketchup, o açúcar e o martíni. Vou buscar outros produtos: temperos, sal, pimenta, arroz. Eu os tempero. Eles não gostam nem um pouco disso. Tenho a sensação de prepará-los; é uma receita, crio-os segundo a minha vontade. Tiro uma foto — desato a rir.

Uma inspiração repentina. Abro a braguilha e, depois de um momento de concentração, mijo neles. O jato amarelo-claro torna o rosto deles brilhante. Grunhem em coro. São cada vez mais numerosos. O bulevar se enche. Eles se pressionam, se empurram, sem nenhuma piedade. Escalando os corpos de seus semelhantes, alguns pisam agora na cabeça de outros. Sobem em cima uns dos outros, pés destroem ombros e rostos, cada vez mais numerosos, como uma inundação de monstros.

Os pássaros desertaram do céu. A atmosfera pesada lembra o momento que precede a uma tempestade.

Percebo que são parecidos com lêmings: não hesitarão em esmagarem-se uns aos outros até formarem uma camada suficientemente alta de corpos que lhes permitirá alcançar-me. Não ganharei este jogo. São uma multidão infinita e sem alma. Não têm necessidade de ser inteligentes para representar um perigo: seu número é a sua inteligência.

Quantos são eles? Impossível dizê-lo. Estão por todos os lados; já não vejo o chão ou o teto dos carros; o cheiro deles nunca foi tão acre e violento. Estão cada vez mais perto, como se ficassem cada vez maiores. Hesito em pegar a espingarda — isso não adiantaria de nada. Paro com minhas provocações, arrumo meu órgão, assombrado, em pânico, suando e com a testa fria. Tenho a impressão de que uma onda cresce e que vai engolir-me. Um tsunami de garras e de dentes: eis o que provoquei. Volto para o apartamento e fecho as persianas.

Vou ficar fechado por dois dias, pelo menos, e evitar fazer o menor barulho. Sou uma presa na floresta, e meus caçadores têm meios para arrancar cada árvore.

Minha relação com os zumbis é uma questão de distância; mistura de respeito mútuo, de agressividade e de medo.

Nunca mais me esquecerei disso.

Richard e Catia passam cada vez mais tempo juntos. Todas as vezes que se roçam um ao outro quando andam, meu coração se acelera, não consigo evitá-lo. Invento-lhes uma vida passada, desgostos. Será que vão reconciliar-se? Estes dois zumbis foram feitos um para o outro.

A roseira está bem. As pétalas vermelhas se abrem de manhã e se fecham de noite. Tirei uma foto dela durante o pôr do sol, com o piano ao fundo: brega, muito brega.

Nunca li tanto assim. Essencialmente literatura fantástica e ficção científica: Dostoievski, Stendhal, Jane Austen. Neles se fala de uma humanidade e de uma sociedade que já não existem. Dou-me conta de quanto nosso mundo e nossa espécie eram arrogantes e frágeis. A literatura antiga e séria é hoje a nova littérature de gare,^[1] a literatura repleta de imaginação, impressionante e excessiva (um homem e uma mulher que tomam um café num terraço é uma cena de uma audácia incrível).

Hoje experimento a necessidade de voltar a escrever a good old fiction. Histórias que viriam de minha própria imaginação, e não da imaginação da natureza. Quero reencontrar essa liberdade com relação ao mundo exterior; não mais seguir a lei da realidade, mas propor uma alternativa. Ver renascer esse desejo em mim me provocou um formigamento no estômago.

Stella tinha tido a ambição de escrever, mas nunca usou seu tempo para dedicar-se a isso verdadeiramente. Ela comprava cadernos dizendo-se a si mesma: "Este será bom", mas, ao final, ele permanecia virgem e se juntava aos outros numa prateleira. Tomei um de seus cadernos. Tinha a capa preta, imitando couro, papel com linhas e páginas numeradas. Frequentemente — aliás, na maior parte do tempo —, comecei romances partindo apenas do título. Precisei de cinco minutos para escolher um: Não haverá mais inverno nas estações de minha paixão.

Estou feliz por retomar meu trabalho. Se escrevo um romance, é porque tenho a esperança de que alguém o leia algum dia: não abandonei a ideia de cruzar com um sobrevivente.

Sinto a história que palpita em mim. Começa com um acidente de moto. Certa manhã, Matilda ia para seu trabalho (era programadora numa empresa startup), quando um motorista não lhe deu passagem. Ela ficou seis meses hospitalizada. O homem que a atropelou fugiu. Seus amigos foram visitá-la nas primeiras semanas, mas rapidamente ninguém mais foi para ter notícias suas. Seu empregador a demitiu. Ela refez a vida sozinha. Desde então, manca um pouco, mas não se deixa abater. Refugia-se num lar para mulheres agredidas. Ela foi agredida? Não. Ela mente para ter um pouco de tempo. Torna-se amiga de uma mulher que viveu dez anos sob o domínio de um marido violento. Juntas, decidem fazer justiça.

Terminei o segundo capítulo esta manhã, na alvorada. Era necessário que eu o lesse em voz alta. Fui para a sacada e bati as mãos para marcar minha presença. Os zumbis, mecanicamente, dirigiram-se até mim. Com um pé na poltrona, li-lhes as primeiras

páginas. Aí está meu público! Ele reage bem, sinto-o impaciente para saber o que se segue.

Ao mesmo tempo que dou vida a meus personagens, minha própria energia retorna. Como minhas lembranças, meus personagens me permitem não estar só.

1. Literalmente “literatura de estação de trem”. A expressão francesa designa certos romances fáceis de ler e de enredo simples. [N. do T.]

Não o tinha notado imediatamente. Precisei de dois dias para compreendê-lo, mas é um fato: os zumbis deixaram o bulevar.

Ignoro por quê. Estavam entediados ou já não me identificam como presa.

Saltei de alegria, corri para o apartamento, gritei na escada. Abri uma garrafa de champanhe.

Sinto-me liberto e em paz. Tenho a impressão de estar de férias.

Apesar disso, não relaxo meus hábitos de segurança. A prudência continua a ser minha prioridade, mas tudo está mais leve. Tenho, finalmente, a impressão de viver para mim e não em função deles. Saber que não estão esfregando-se na porta do prédio e não vão mostrar os dentes assim que me virem é um alívio inacreditável. Estou livre, e, com a mente livre, eles desapareceram até de meus sonhos.

Por conseguinte, meu romance avança a passos largos. Matilda percebe que foi manipulada por sua “amiga” daquele lar, que ela a ajudou a matar um marido inocente. Ao mesmo tempo, tem de provar que realmente apanhou para poder continuar no lar, e então se inflige alguns golpes. Como vai sair dessa?

Não vou dizer: “A vida é bela.” Não exageremos. Em todo caso, porém, meus olhos já não são desagradavelmente afetados pelas criaturas monstruosas. Havia meses tal felicidade não habitava em mim.

Passou-se uma semana, e a indiferença dos zumbis com relação a mim não é simples. O bulevar está vazio, o silêncio é total; a única animação são os sacos de plástico empurrados pelo vento. O verão está quente, há certo peso no ar. Cem vezes por dia vou à sacada para espreitar o retorno deles. Colo o binóculo aos olhos e escruto sem descanso, a ponto de irritar as pálpebras. O menor som me alerta. O desaparecimento dos zumbis não é um presente. Enganei-me, a alegria se dissipou. Ninguém mais me olha, e eu me sinto vazio. Já não se interessam por mim, os zumbis me fazem desaparecer.

Por mais insano que isso possa parecer, sinto falta deles. Já não tenho adversários, nem resistência por desenvolver, nem o impulso vital por opor a seus olhos ávidos. Estou sozinho: minhas lembranças e meus personagens não formam nenhum contrapeso a isso. Algo físico já não está lá, e é insubstituível.

Se eu saísse pela porta do prédio, eles se precipitariam sobre mim. Não sou ingênuo: há a possibilidade de que isso seja uma armadilha. Não uma armadilha pensada, mas uma armadilha inata, uma emanção de sua natureza.

Outra hipótese: já não sou interessante para eles. Faço parte do cenário, pendurado nesta sacada, inatingível para sempre; como uma estrela cuja natureza foi esquecida, não sou mais que um astro, um corpo frio e distante, irreal. No máximo, uma árvore que se agita ao capricho do vento, um fenômeno natural.

Uma depressão severa se abate sobre mim, tão forte, que reconhecer minha dependência do olhar deles me revolta e me deixa doente. Meus dias são marcados pela angústia. Já não escrevo, já não me banho, chego ao ponto de apenas não deixar morrer a roseira. As ideias suicidas e as vertigens retornam, meu corpo escapa de mim, e meu espírito perde seus diques: eu me desloco. Sinto na carne que quero o apetite deles quando me olham. Se já não sou desejado, já não sou nada.

Será que é a hora certa de partir? Deixar o prédio e começar a procurar outros sobreviventes e reservas de comida? Não, os zumbis estarão lá, não muito longe. É muito perigoso.

Espreito o retorno deles com o binóculo. Murmuro algumas orações.

Do lado de fora, há apenas uma cidade varrida pelo vento e habitada por fantasmas.

Faço barulho, como se tentasse acordar o mundo inteiro. Bradei as páginas de meu romance, insultei, cantei, toquei trombone na sacada. Joguei no bulevar minhas roupas impregnadas de meu suor e de meu cheiro. Com uma faca, feri o antebraço, deixei cair trapos embebidos em meu sangue. Esperei. Espiei o início do bulevar, as sombras, os reflexos nos vidros dos carros, os frêmitos dos bosquezinhos. Escutei e procurei no vento as primícias de seu arquejar e de seus passos, que se arrastam.

O silêncio está em meu apartamento. Só fazia sentido porque os zumbis grunhiam lá fora. Agora, o silêncio contaminou tudo, e tenho a impressão de que vou ficar louco: uma avalanche me cobriu. Para onde foram aqueles sons que me aterrorizavam e que se haviam tornado familiares para mim? Fiz barulho para substituí-los, reencontrá-los, mas não era a mesma coisa, pois vinha de mim. Tinha necessidade dos outros, fossem quem fossem.

Levaram dez horas para reaparecer. O tempo para que o sangue, o barulho e meu cheiro os façam lembrar-se de mim. Veem que estou vivo. Não resistiram e chegaram. Reconquistaram este território deserto. Notam-me de novo e gemem. De pé sobre a poltrona, abro os braços em gesto de acolhida.

Retomamos nossa relação bizarra. Agora sei que devo fazer a minha parte. Sou mais dependente deles que eles de mim. Não tenho ninguém além desses seres. São o que tenho de mais querido no mundo: a lembrança permanente de minha mortalidade e de minha fragilidade, e a força da vida que palpita em mim. Eles me desejam como ninguém jamais me desejou. Graças a eles, tomei consciência da beleza da vida que bate em meu coração. Ela fica extasiada com os milhares de seres. A fome deles é uma homenagem.

Será que estou delirando? Será que são pensamentos idiotas? Talvez. But who cares? Fico mais forte. Antes dos acontecimentos, sabia sobreviver numa sociedade hostil e em meio a relações humanas normalmente violentas; continuo a sobreviver, mas desta vez é de verdade; não me fazem acreditar no humanismo e na civilização. Aquilo que não nos mata nos faz mais fortes? São milhões lá fora os que não me mataram; é óbvio que me sinto forte.

Isto é o que realmente desejo fazer: a estaquia de roseira. Mas isso implica o risco de destruí-la, de fazê-la morrer, talvez. O guia do jardineiro amador me é de uma ajuda preciosa.

Hoje é 14 de julho. O sol começa a se pôr, eu abro uma garrafa de champanhe tépido. Tiro uma foto dos cerca de trinta zumbis reunidos sob a sacada. Sorriam! Não fazem nenhum esforço: calvos, ferozes, andrajosos — eu quase tenho pena deles.

Estando um pouco ébrio, peso-me. A agulha preta da balança mecânica velha e rangente indica que reganhei alguns quilogramas. Não voltei ao peso de antes dos acontecimentos, mas estou no caminho certo. Em todo caso, uma mudança: estou mais musculoso.

Faz cinco meses. Não diria que se trata do paraíso; longe disso. Mas me faz lembrar o paraíso terrestre antes da entrada no mundo real do sofrimento, da civilização, dos coquetéis: um paraíso de solidão. Não preciso trabalhar: comida e bebida estão à disposição. Centenas de supermercados e de mercearias me esperam lá fora. Tenho todo o tempo do mundo para ler e desenhar; mergulhar nos livros de arte e dormir. É verdadeiramente o Jardim das Delícias antes da chegada de Eva. Nenhum crime, nenhuma maldade, nada de asqueroso. O fruto proibido da Árvore do Conhecimento não existe. Ou melhor: o fruto despertou e ganhou vida, é um monstro e quer morder-me. Os papéis estão invertidos. A boa nova é que este fruto não é apetitoso e eu não tenho nenhuma vontade de me aproximar dele senão para explodi-lo com tiros de espingarda.

Já não há televisão, nem professores ou jornalistas forçados a esnobar meu livro sob o pretexto de que uma boxeadora se apaixonou por um toureiro cego. Já não há todos aqueles aparelhos eletrônicos com que se repisavam as mesmas coisas em nossos ouvidos. Não sobrou nada. Os discos rígidos vão pouco a pouco desaparecer, os centros de armazenamento de dados serão corrompidos pela umidade. Apenas os quadros, os livros e as esculturas sobreviveram. Uma arte que não depende de eletricidade para se alimentar, uma arte de sobrevivência, e não sob a perfusão das polidoras fábricas capitalistas.

Ao fim e ao cabo, não seria um mundo mau. Mas sinto saudades dos que amo. E, por vezes, até dos que não amo.

Inclino-me sobre a roseira. Suas pétalas fazem cosquinhas em meu nariz. O perfume são palavras: é possível um diálogo.

Há três minutos mantenho a cabeça de um “homem” na mira da espingarda. Cabeça pequena, que usa óculos com lentes sujas e quebradas. Já não sinto repulsa à aparência deles; acostumei-me a ela. Observo o homem em detalhes: há traços de mordida na bochecha, seu queixo fora arrancado, um de seus olhos está afundado na órbita; seus cabelos foram louros há muito tempo, agora são gordurosos, grudentos e sujos. Levo certo tempo para conhecê-lo, imaginar como foi contaminado.

Puxo o gatilho. A cabeça dele explode num barulho surdo. Seus braços se agitam ainda um pouco, e ele desaba.

Não sinto prazer nem alegria. Abatê-los já não é uma diversão.

Essas silhuetas que abato quando atiro em sua cabeça não são homens; já não têm nada que ver com os frágeis e exasperados seres humanos. São usurpadores, ladrões de corpos, parasitas: os zumbis habitam corpos que não lhes pertencem. Eliminando-os, liberto suas vítimas. Recupero sua morte. É isso o que digo a mim mesmo para que nada disso seja feio. E, sem dúvida, também para dar-me uma consciência tranquila.

O corpo das criaturas que abato permanece no asfalto por um tempo. É comovente ver a carne liberta desmoronar, mudar de cor, desintegrar-se e decompor-se, escorrer na água da chuva. Depois, os zumbis o notam e o devoram. Sem pressa: são pratos de segunda opção. Sendo consumidos, retornam à sua humanidade: desaparecem. Os insetos acabam de limpar o esqueleto.

Guardo a espingarda no cofre que está embaixo do piano e me preparo para uma infusão de sálvia seca encontrada num apartamento (protegida por um saquinho de tecido nas cores do Natal). Instalo-me na sacada. A xícara solta vapores, eu respiro. De certo modo, eu é que sou o agressor. Causei-lhes infinitamente mais prejuízos do que eles a mim. Para mim, eles foram antes uma bênção: desembaraçaram-me de uma sociedade que eu odiava.

Já se passaram quatro meses e meio, e eu me sinto bem aqui. Seja lá o que isso queira dizer, estou em casa. Com meu escritório, minha cama, a biblioteca, o apartamento se parece comigo, é uma projeção de minha alma. No teto, um adubo composto se transforma em jardim. No momento, é apenas a erva daninha que cresce, mas logo aparecerão as flores e os legumes. Os pássaros almoçam comigo, tenho a companhia de Richard e de Catia, de uma roseira e de minhas lembranças. Não está tão ruim.

Estico-me na espreguiçadeira que há no telhado, um bule de prata cheio de café está a meu lado; eu leio, uso um chapéu de palha.

Antes da catástrofe, minha vida era uma catástrofe. Mal conseguia sobreviver. Com Noémie, tinha uma boa relação: telefonávamo-nos uma vez por semana para saber as notícias um do outro: ela, para queixar-se de seu novo namorado; eu, para lembrar-lhe o homem maravilhoso que eu era. Bem que eu tinha tentado interessar-me por outras mulheres; isso me dava a sensação de tentar substituir um amor por outro. Preferi ficar com esse amor defunto. Sentia-me menos sozinho pensando nela que beijando outra mulher. Nem obturação nem prótese para mascarar um dente que falta. Noémie está morta hoje; não resta a menor dúvida quanto a isso — ou talvez semimorta. Não estou triste, porque assim ela está do lado da norma, não está sozinha, e a solidão era a coisa que mais a aterrorizava no mundo. Foi necessário o fim da humanidade para que eu me livrasse do meu coração partido.

Hipótese: é pelo fato de que minha vida era uma catástrofe que escapei. Não tinha nada que perder, contrariamente a todos os que tinham uma profissão, um apartamento, bens, uma esposa, uma família; que eram mais bem-sucedidos do que eu, apesar da atrofia de seu coração e de sua moral, e, frequentemente, de seu talento.

Eu esperava o pior, pois uma vida inteira como misfit me tinha habituado a isso. Sabia desde o começo que não poderíamos ganhar. Não acreditei nas mensagens reconfortantes dos meios de comunicação, dos políticos, dos militares. Não me juntei aos abrigos e às trincheiras onde se supunha estaríamos protegidos e que — ouvi-o pelo rádio — se tornaram restaurantes para zumbis.

Não há nada para me proteger. Meus pais moravam muito longe, e Michel e Lucia estavam de férias no sul da Bretanha. Tinha alguns amigos e amigas — conhecidos que viviam em Paris —, mas ninguém por quem eu estivesse disposto a arriscar a vida. Não pus a segurança de ninguém antes da minha. Os que assim agiram — ou seja, a maioria — perderam tudo. Deixaram-se morder e, por sua vez, transformaram-se em monstros. Querendo salvar os próximos, arriscaram-se. Só conseguem escapar os que são solitários (ou egoístas — o que dá uma ideia reconfortante do tipo de pessoas que pôde sobreviver). Eu periclitava na sociedade deste começo do século XXI, era um sobrevivente havia muito tempo. Desde a infância, lutei e, mesmo que tenha perdido a maior parte de meus combates, aprendi a valer-me de astúcias. E depois tal astúcia me foi de grande utilidade

numa sociedade que eleva os vencedores aos céus. Agora sou um sobrevivente num mundo devastado. Conheço o papel perfeitamente. Com o que me cabia de direitos autorais, habituei-me a viver sem aquecimento, a fazer estoques de comida, a agarrar-me à vida com determinação. Esses anos de anonimato e de rejeição social me prepararam para a catástrofe final.

Sempre soube que as pessoas eram monstros. O fato de hoje serem zumbis é apenas uma confirmação. A metáfora encarnou-se. Estou decidido a não me dar facilmente por vencido.

Sinto que estou em plena posse de minhas forças. Saber que é comestível deixa a pessoa viva. Garanto-o a vocês.

É claro que sinto saudades de minha família, de meus amigos e dos que eu conhecia vagamente. Mas não me esqueço de que os que eu não amava — colegas de trabalho, meus antigos colegas de estudos — estão mortos. E muitas pessoas — que eu não conhecia e que não teria amado — estão igualmente mortas. Há algo com que se alegrar. Tenho dezoito caixas de champanhe empilhadas perto da lareira e, de vez em quando, bebo uma garrafa pensando num dos filhos da puta de que os zumbis me livraram. A solidão não é uma dor permanente. Tenho a confirmação de que se pode passar por outras: a sociedade é um acessório dispensável, uma bugiganga. Ademais, que diferença há entre falar com uma lembrança e falar com um ser vivo?

Em meus momentos mais sombrios antes da epidemia, permitia-me desejar que este ou aquele quebrasse uma perna. Mas não teria ousado fazer votos pelo desaparecimento da humanidade. Não havia pensado nisso, e, contudo, era essa a solução, era esse o remédio que me faltava. Já não tenho úlcera por causa da fome no mundo, da assassina avidez econômica, dos loucos nos hospitais psiquiátricos e dos doentes. O sofrimento descansa em paz. É o fim dos combates idiotas por dinheiro e poder. A humanidade se aquece nos sonhos dos que sobreviveram. Ela está intacta, bela, forte; é uma chama que carrego em mim. O erro tinha sido transformar isso em realidade.

Agora já não preciso de desculpas para justificar o fato de que não tenho namorada nem um trabalho clássico (meu Deus, que sorte! Ninguém mais para dizer-me: "Você é escritor? Você vive disso?"). Já não sou anormal. Ou para dizê-lo de outro modo: finalmente a norma já não é invejável. Eu já sabia disso havia muito tempo, desde os meus 6 anos e minha descoberta da lei da selva no pátio do recreio. Aqui isso é absurdamente evidente: é o caos, são os cadáveres, é o silêncio a perder de vista. O choque dos primeiros tempos passou, assento-me neste novo mundo. Meu sono é enfim tranquilo.

Lembro-me de um dia de junho três anos atrás. Eu havia sido convidado por um clube de leitura de Nantes para ler passagens de meu romance *O muro do desejo* sucumbe sob o peso do tempo. Praticamente só havia mulheres entre vinte e 24 anos — dois homens se haviam instalado nos fundos, pareciam tímidos, mas interessados. O encontro (leitura e perguntas/respostas) aconteceria na parte de trás de um antiquário do bairro Le Bouffay, o centro histórico da cidade. Eu raramente era convidado para encontros; os autores de romances água com açúcar são pouco solicitados, e eu lamentava isso. Gostava das questões profundas e ingênuas, dos pedaços de vida que afloravam sob os comentários, das experiências compartilhadas. Sentia-me perto de meu público. Estávamos, entre nós, poupados do cinismo ambiente, do espírito de seriedade e da ironia zombeteira da época. Era comovente, divertido e apaixonante. Havíamos bebido um espumante do Loire e comido bolos de frutas cristalizadas feitos por membros do clube. Nessas ocasiões, sempre há ambiguidades. Ser escritor dá certo poder, uma aura a que certas mulheres são sensíveis (certos homens também) e cujos efeitos tento neutralizar. Só se pode fazer amor entre iguais, o restante é uma relação de dominação. Conheço certos autores que se aproveitam de seu pequeno status para deitar-se com moças perdidas ou com histéricas que buscam reafirmar seu narcisismo, valorizar-se a seus próprios olhos e aos de outros. Os homens não sentem senão desprezo por essas moças. Então eu prestava atenção; talvez até demais. Um sujeito que se aproveita de sua posição é sempre um filho da puta patético.

Não sei por que escrevo, mas, repensando-o este fim de tarde, sei que, em parte, escrevo por isto: para os encontros que meus livros permitem e pelas discussões que suscitam. Escrever romances água com açúcar é o equivalente geográfico de viver numa cidadezinha provinciana. Não é fino. Não é o lugar em que as pessoas que se julgam importantes desejam viver. Essa vida provinciana não foi uma opção para mim. Dirigi-me a ela porque tinha sido rejeitado pela literatura oficial. Mas, ao final, percebi que estar longe do centro do desejo e do poder eram coisas que correspondiam a mim. Há nisso uma ética que me agrada: estar em outro lugar, no exílio.

Abro a porta-janela. O vento entra em meus ouvidos em pequenos turbilhões, assim como, surgindo desse sopro, os grunhidos dos zumbis. Vou para a sacada. Ponho meu caderno bem estendido sobre a beirada e começo a ler. O sol se põe, os zumbis se apertam lá embaixo, os braços estendidos em minha direção. Posso contar com eles.

O ar se abrasa com as cores do verão. O céu mudou. Está mais presente, mais amplo e mais vivo, como se despertasse de um longo sono.

Sei que terei de deixar o prédio. Está na ordem natural das coisas: não se pode permanecer numa praça-forte, não se pode permanecer numa prisão. Há uma força imperiosa que nos impele a explorar.

Café da manhã na sacada, café e bolos secos de chocolate. O sol me esquentava a nuca. Os zumbis fazem o seu balé habitual no bulevar. Estou num zoológico, diante da cova dos leões.

Eu envelhecerei, e eles não envelhecerão: são indestrutíveis. Tão somente a erosão os fará desaparecer, assim como o oceano transforma as rochas em areia pela força das marés. Nós, os seres humanos, temos apenas uma vantagem: a reprodução. Se conseguirmos encontrar-nos, quer dizer, se homens e mulheres sobreviventes conseguirem reencontrar-se (mas imagino que alguns casais tenham sobrevivido juntos), então os zumbis não terão sido senão um acidente na história humana. Serão nossos dinossauros, a lembrança de um arcaísmo fundamental ligado à humanidade: nós somos ficções frágeis e, portanto, devemos ser humildes.

Eles são como estátuas. Isso é muito perturbador: quanto mais os observo, mais os acho belos. Obras de arte assustadoras, torturadas, retorcidas, mas comovedoras e belas. Os rostos e os corpos deformados, presos no horror, são dignos dos quadros clássicos. Rembrandt e Goya não estão distantes. As obras de arte se rebelaram e se vingaram de seus criadores.

Observo-os, mas agora já raramente mato algum. Para que matar a beleza? Eles são belos porque são a norma, eu sou feio porque sou o único de minha espécie. No espelho, tenho a prova da feiura humana: este rosado, esta pele gordurosa, estas linhas sem graça.

Desenho-os para compreendê-los, para apreender a natureza deles: simplesmente porque estão aqui e fazem pose. Com o lápis, capturo as expressões que eles possuem e a sutileza de seu ser. Não encontro nenhum traço de humanidade neles. Não vale a pena cansar os olhos. É outra coisa. Uma relação diferente com o mundo, e não menos nobre. Essa espécie tem a sua lógica. Não é aberrante ou antinatural: tem seu lugar no seio da natureza. Sob o céu estrelado, estamos em igualdade. Já não me assustam. Já não levo para o lado pessoal seu arquejo, seus dentes e seus dedos estendidos em minha direção.

Há barulho no corredor, passos. A porta de entrada deve ter cedido, uma janela foi arrombada. Conseguiram penetrar em minha fortaleza. Agarro a espingarda no cofre sob o piano. Verificando: está carregada. Aproximo-me da porta suavemente. Passos se arrastam, nítidos, claros, com firmeza. Um momento de pausa. Espero os gemidos, as unhas a arranharem a porta. Mas é um simples “toque-toque, toque-toque-toque” ritmado.

Um zumbi não se dá ao trabalho de bater.

Às vezes o que se teme é o que mais se espera. Refiz minha vida, aceitei, enfim, minha condição de viúvo da espécie humana. Estabeleci uma relação com o mundo e com as criaturas, e, de repente, aparece alguém que ameaça virar tudo de cabeça para baixo. Alguém que ameaça arruinar o artificialismo de meu equilíbrio.

Alguém bate à porta mais uma vez. De modo mecânico, armo a espingarda. O dedo repousa no gatilho.

— Abra!

É uma voz de mulher, não um grunhido: uma voz de mulher.

— Sei que há alguém aí.

Estou dividido entre o terror de deixá-la entrar e o terror de deixá-la partir. Há meses que não ouço nenhuma voz humana. Dói-me nos ouvidos, perdi o hábito de ouvir outra coisa além de arquejos e gritos, às vezes o eco deformado de minha própria voz. Sons articulados e carregados de sentido chegam até mim. Meus tímpanos parecem rasgar-se. Levo um tempo para compreender o que diz a mulher; suas palavras flutuam em minha cabeça; eu as observo como a medusas.

Fico colado à porta, com a espingarda na mão. Penso no cão abatido, em sua carne rasgada e quente. Meu coração bate na madeira da porta.

Abro a boca; sou uma criança que tenta falar pela primeira vez. Eu tinha falado nestes últimos meses, mas bem alto, para mim mesmo e para os zumbis. Falar com alguém é diferente. Estou aterrorizado. Não vai dar certo? Vai dar certo? Isso vai unir-me novamente a uma humanidade a que renunciei? Estou perdido. Que devo fazer? Pergunto:

— O que é que você quer?

Como se se tratasse de uma vizinha ou de uma vendedora de seguros. Que idiota!

— Trazer-lhe um pouco de sal.

Segue-se um risinho. É um alívio que ela escarneça.

Ponho a mão na maçaneta da porta e puxo-a com um golpe seco, como se faz com um velho esparadrapo sobre uma ferida que se espera esteja cicatrizada. O rosto da mulher me assusta. Tenho a impressão de que é de plástico: muito macio, regular, simétrico; virgem de ferimentos, de crostas e de podridão.

Ela veste um suéter preto com capuz. Está vestida como uma adolescente, mas deve ter uns trinta anos, de estatura mediana, olhos miúdos, íris castanho-escuras e cabelos castanho-avermelhados. Ela me sorri. Não me mexo. Subitamente, sinto um espasmo no estômago, uma mão se mexe em minha barriga e sobe até a garganta. Precipito-me para a sacada e vomito. Os zumbis se dirigem para a poça. Eles a pisoteiam e metem os

dedos lá dentro.

A mulher entra, seu caminhar é delicado, ela deixa sua mochila ao lado do sofá-cama, com naturalidade, se poderia acreditar que estivesse voltando da academia. Ela me olha com as mãos nos quadris. Guardo a espingarda e o revólver no cofre embaixo do piano.

— Desculpe-me — digo a ela —, isto aqui está quase uma zona.

Não é verdade. Arrumar constitui um de meus exercícios espirituais cotidianos. A cama está arrumada; uma bela manta escocesa a cobre. A louça está limpa, as roupas estão bem arrumadinhas no móvel ao lado do piano. As camisas estão penduradas em cabides pendurados na barra da cortina.

Com voz rouca, ofereço-lhe um café. Ela me sorri e aceita.

Preparo o café num fogareiro a gás. Vendo-a, compreendo que ela não bebe café há muito tempo. Minha mão treme um pouco quando verto o líquido nas xícaras, que estão na mesinha de centro. Ela fecha as mãos em torno de sua xícara e sorri de novo. Será que devemos lançar-nos nos braços um do outro e desfrutar de modo barulhento?

Apresentamo-nos e começamos a discutir. Não é simples. A humanidade desapareceu, e, contudo, há timidez entre nós. Mas me conforta que permaneçam este desconforto, estas hesitações, estas precauções; que os acontecimentos não tenham feito desaparecer nossas apreensões ligadas ao encontro do outro. Contamos nossas respectivas histórias.

É uma noite de verão que me lembra as noites do passado, nas quais a doçura do ar sempre estava de acordo com meu humor. A porta-janela está fechada — o tempo está um pouco úmido. Ela chama das velas nos ilumina. Preparei uma infusão de camomila. As folhas amarelas se abriram e incharam no jarro de vidro até completar todo o espaço aquoso. Eu nos sirvo.

Há semelhanças entre nossas histórias e entre nossas reações; entre os meios de que lançamos mão para sobreviver.

Ela se chama Sara, tem 32 anos (e o perfume de sua pele me deixa louco). Em sua vida antiga, era advogada de uma associação de ajuda às vítimas de violência sexual. Para ela, tudo começou por uma tentativa de suicídio. Ela me resumiu seus trinta anos de vida em uma palavra: angústia. Ela vivia num oceano ansiógeno controlado por sua família, por seus amigos e por seu ex (“Não conseguia me livrar deles”). Ela desejava fugir. Sentia que estava em seu limite e não lhe era necessário muito para saltar pela janela. Então se dirigiu para o hospital Saint-Louis, para o serviço de urgências. Os neons muito amarelos e os cheiros de desinfetante e de suor por pouco não a fizeram dar meia-volta. Não havia uma multidão naquela noite de inverno. Três vagabundos feridos num tumulto, pais preocupados com a filhinha com uma luxação no calcanhar (e que jogava videogame sem parecer sofrer absolutamente nada). Quando a recepcionista chamou Sara, ela respondeu (com um sorriso de primeiro encontro) que pensava em se matar.

A moça riu e se voltou para dois jovens residentes a fim de compartilhar com eles essa piada. Sara bateu com o indicador no vidro. Suspirando, a mulher lhe deslizou o número de um centro médico social. Mas Sara não queria um número de telefone, não queria uma consulta para dali a quinze dias. Queria que alguém a impedisse de se matar. Queria-o naquele momento. Ela insistiu e pediu para falar com alguém. Um dos residentes se aproximou e disse “Não estamos aqui para isso” e voltou a se sentar com seus colegas, cheio de segurança, feliz de ter pronunciado aquela pequena frase definitiva. Então Sara tomou a faquinha de cabo de chifre que ela tinha enfiado na bolsa antes de sair de casa e abriu as veias do pulso direito. Antes de desmaiar, teve o tempo exato de dizer: “E para isso?” e de ver o sangue escapar-lhe do braço para o balcão, e os residentes se precipitarem para ela.

Costuraram suas veias e a enviaram a um psiquiatra. Era um idiota e moralista. Ela tinha passado a noite num quarto com uma senhora idosa, que tossia e falava de sua paixão por hidroginástica. Deixaram-na partir na manhã do dia seguinte com um analgésico à base de morfina e com alguns ansiolíticos, o que pareceu a Sara uma prescrição bizarra para alguém que tinha acabado de tentar o suicídio. Mas ela estava bem: os remédios agiam de forma maravilhosa. Abriam-se flores em seu cérebro (flores amazônicas). O oceano de angústia tinha secado. O médico tinha acrescentado alguns antidepressivos. Mas Sara sabia que isso era uma merda. Já tinha experimentado isso; resultado: tinha voltado a sair com o ex (“seu sintoma”, sabia-o, uma expressão de seu medo de se envolver) e tinha comprado um vestido (vermelho com bolinhas pretas, “um vestido de joaninha”,

impossível sair com ele). Ela não queria voltar para esse caminho. Desejava a estrada — lenta e semeada de perigos — de uma reforma de si mesma, conquistada passo a passo à força de insistência. Jogou o frasco na lixeira (“Isso acabará nas águas do rio, os peixes ficarão felizes”).

Deram-lhe o número de um psiquiatra num papel malva. “Por que não?”, pensou. Já tinha experimentado vários no passado e não tinha dado em nada. Mas ela gostava da ideia de terapia. Falar com um estranho; isso é que é uma relação clara. Falar com os que são próximos a nós é sempre algo desconfortável: não se escuta, reinam os mal-entendidos, os julgamentos, os acertos de contas, as projeções.

Ela voltou para seu apartamento de dois cômodos no alto da rua Belleville, a cabeça confusa, com um esparadrapo grosso em torno do pulso direito, que recobria uma parte da mão. Pensou que isso se parecia com uma luva de boxe e imitou o gesto de dar socos no ar num inimigo invisível. Ter saído do hospital era uma coisa ótima, a cidade tinha reflexos alaranjados, a noite se anunciava, se não alegre, ao menos agradável e doce. Disse a si mesma que gostava de sair de um hospital e, se não fosse necessário entrar nele antes, seria um prazer sair dele com frequência.

Preparou uma sopa de alho-poró e lentilhas salpicadas de cúrcuma (para dar cor). Decidiu não ver ninguém por alguns dias. Pior para o trabalho, pior para os amigos e para a família. Gravou um recado na secretária eletrônica e desligou o celular, deixou uma mensagem na caixa de e-mail e um recadinho na porta: Não perturbe sob nenhum pretexto. Escreveu-o em vermelho e sublinhou-o duas vezes.

E ninguém a incomodou. Ninguém sequer pensou nisso. Passou três dias dormindo, tomando sopa e escutando música em volume alto — alto o suficiente para encobrir o barulho dos vizinhos, que fugiam e eram massacrados. Durante a noite, ela pôs protetores de ouvidos. O coquetel de remédios lhe permitia uma embriaguez doce e perpétua. Sentia-se bem, reconfortada e calma. Nada mais lhe parecia grave. Aumentou um pouco as doses e, desde a primeira noite, se permitia duas taças de vinho em cada refeição. A interação deste com os medicamentos produziu excelentes efeitos, como fogos de artifício permanentes.

Ela desenhou e pintou. Reencontrou-se. Pensou de novo no sentido que queria dar à sua existência. Advocacia era uma profissão de que gostava. Não ganhava bem, pois trabalhava para uma associação sempre à beira da falência. Seu salário era pago com atraso e, por vezes, amputado pela metade. Mas o problema real era que ela não se realizava. As pessoas que recebia em seu escritório a admiravam (nunca as chamava vítimas; aliás, por vezes havia também alguns culpados que queriam falar com ela). Sabia ganhar confiança. Preparava as audiências como ninguém. E isso dava seus frutos. Mas ela sonhava com aventuras. Não sabia exatamente se as viveria ou se as inventaria. Imaginava-se em outro destino: desenhar, tornar-se professora, doceira num grande restaurante. Prometeu a si mesma não sair de casa enquanto não soubesse para quê. Foram-lhe necessários três dias para, enfim, decidir a aventura que desejaria viver. À força de perguntas e de meditação, à força de mistura de vinho e ansiolíticos, acabou por ousar dizê-lo a si mesma, enquanto Mano Negra saía das caixas de som: “Fodam-se todos!” Repetiu-o em voz alta. Uma cólera nova a animava. Estava confiante no futuro. Sentia-se cheia de energia: ia dedicar-

se ao chá, uma de suas paixões. Seria negociante e viajaria pelo mundo inteiro. Sim, era uma boa ideia. Além disso, iria pegar suas canetas e seus lápis, sua caixa de aquarela, perdidos no porão.

Abriu a porta do sexto andar, ignorando que, durante três dias, Paris e o resto do mundo tinham sido palco de enfrentamentos sangrentos. Contava com anunciar sua demissão do escritório sem demora. Imaginou a cara dos colegas e da chefe. Ia ligar para os pais e dizer-lhes que não sairia mais de férias com eles para pacificar o relacionamento deles. Apagaria o número do ex de sua lista e nunca mais tornaria a vê-lo. Cortaria todos os laços com sua autoproclamada melhor amiga, que desejava transformá-la numa moça que ela não era.

Assim, quando Sara pôs o pé para fora do apartamento naquela manhã, sabia que começava uma vida nova.

Ficou surpresa ao descobrir roupas e malas no corredor e nas escadas, as portas abertas dos apartamentos.

Felizmente, não tinha saído do prédio. Olhou pela janela do corredor entre o quinto e o quarto andares. Havia combates na rua. Viu dois homens atirarem em outros homens, viu homens comerem outros. Voltou para casa, trancou a porta à chave e sentou-se no sofá. Era necessário reagir. Mas de que maneira? Não sabia. Os medicamentos em seu corpo a impediam de entrar em pânico. Abriu a janela de seu apartamento. Tinha observado bem os enfrentamentos e estava certa de uma coisa: não ia tomar partido. Isso não era de sua conta.

Encheu a bolsa com barras de cereais e com uma garrafa de água, vestiu um jeans preto e um casaquinho com capuz; pegou seu Mooncup, seu estojo de remédios e seu celular: ia subir ao telhado. Foi apenas quando escutou o rádio pelo seu celular que descobriu a natureza deles. Pelo que ouvia, pelo que via pela janela, uma coisa era certa: era melhor não descer. Passava, então, de telhado em telhado, penetrava nos apartamentos para se reabastecer de comida e de água. Pouco a pouco diminuiu as doses dos medicamentos. Tal como se entra na água fria do oceano, ela pôs o pé na nova realidade com precaução. Sua aclimação foi facilitada pelo fato de ter desejado mudar de vida no momento exato em que a vida da humanidade havia mudado radicalmente (milagre: não precisou irritar-se com os pais, distanciar-se da melhor amiga, cortar todo contato com o ex). Começou por chamá-los "os monstros", mas esse nome os tornava ainda mais assustadores. Acabou por designá-los apenas por "eles" ou "aqueles lá". Por observá-los dos telhados que havia transformado em seu refúgio, notou que não tinham grande habilidade. Assim, permaneceu em lugar alto. Subtraiu uma pequena barraca de um apartamento e com ela montava seu bivaque, mudando toda semana de residência.

Encontrou revólveres. Teve oportunidade de servir-se deles uma vez. Os zumbis ocupavam as ruas, subiam nos prédios, mas não habitavam neles. Era raro encontrar um deles num andar alto: caçavam ao ar livre. No entanto, um dia, Sara penetrou num apartamento decorado com fotos preto e branco e com esculturas que pareciam insetos sem patas. Sacou do revólver quando ouviu um barulho no quarto. Empurrou a porta com o pé. Um zumbi estava amarrado na cama. O homem havia sido transformado durante uma sessão sadomasoquista. As mãos e os pés atados nas barras, nu, o órgão genital flácido

batendo contra as coxas da criatura de pele cinza. Ele se debatia, estendia o pescoço na direção de Sara, os olhos saltados das órbitas. As algemas laceravam-lhe os pulsos, e Sara antevia o momento em que conseguiria amputar as mãos para precipitar-se sobre ela. Deu um tiro no peito dele. Nenhum efeito. Enfiou três balas no tronco, mas o zumbi ainda se mexia. Deu um tiro na cabeça, e, finalmente, ele morreu. Daí por diante, ela visaria diretamente a cabeça.

Ocorreu-lhe sair dos prédios, atravessar uma rua ou um bulevar. Neste caso, ela dissolvia um betabloqueador sob a língua; foi lendo um livro de automedicação, retirado da biblioteca de um apartamento que tinha visitado, que descobriu o poder deles. Isso lhe permitiu manter a calma quando saía. Caminhava a passos rápidos, mas sem agitação; entrava num prédio e subia os degraus de três em três para se refugiar no telhado, pois desde o início desejava avançar. Era hábil em não se fazer notar. Tinha o hábito de ficar à espreita e de ser confrontada com a violência.

Se se movia o tempo todo, era porque procurava outros sobreviventes. Após um mês de buscas, eu era o primeiro que ela encontrava. Ela me observava havia uma semana com o binóculo do outro lado da rua.

Enquanto eu me aterrorizava, Sara vagava por aí. Aprendera a se deslocar entre os zumbis. Sua mente prática lhe permitira elaborar certo número de astúcias para escapar.

Parecia-me uma moça tímida e determinada. Gostava muito dela.

Falei-lhe de minha vida, e ela se interessou imediatamente em ver meus livros. Hesitei. Tinha medo de que me julgasse, de que zombasse de mim e se mostrasse esnobe. Mas, como dizia o professor Inselberg: "Se você quiser que alguém fique orgulhoso de seu trabalho, então esteja você próprio modestamente orgulhoso de seu trabalho." Ela pegou uma pilha de meus livros com entusiasmo.

No ritmo em que o bebemos, já não haverá café no fim de semana.

Sara está aliviada por ter finalmente pousado em algum lugar. Está principalmente aliviada por ver que não é a única sobrevivente. Não chorou, não demonstrou nenhuma emoção particular. Sem dúvida o isolamento afetivo dos últimos meses nos embruteceu. Nossa presença, estar um para o outro, é algo simultaneamente natural e sobrenatural. Entendemo-nos bem. A simplicidade nos remete a algo mágico. Não sei se ela é bonita. Acho-a magnífica e comovente.

O aparecimento de Sara não é apenas fonte de regozijo. Encontro-me nervoso e angustiado. Tenho tendência a segui-la por todos os lados, a querer estar perto dela.

— É preciso perder o costume de não existir um sem o outro — disse-me. — Logo sairemos, e há o risco de um de nós acabar sendo morto. Nesse caso, o outro deverá continuar. Estamos unidos, mas não somos uma só e mesma pessoa.

Tomei isso como uma rejeição. Fui para o telhado para refletir e me acalmar. Por causa da troca de lugar, do vaguear pela cidade, Sara desenvolveu uma autonomia de que careço. Creio também que ela ficou marcada assim por suas dificuldades de cortar os laços com o ex e que teme todo e qualquer novo relacionamento.

Ela tem razão. Devemos passar algum tempo sozinhos, a fim de não nos apoiar muito um no outro.

Isso não é fácil. Meu corpo está atraído pelo dela; não apenas sexualmente. Sara condensa em si todos os laços que se formam habitualmente com dezenas de pessoas. Ela é tudo para mim; eu sei que isso não é sadio, mas como agir de outro modo? É uma mulher, e não faço amor há três anos; é um ser humano, e faz cinco meses que não vejo nenhum.

Obrigo-me a não observá-la a todo momento, a não tomá-la nos braços sob o menor pretexto, a não segui-la como um cachorrinho. Isso exige de mim uma energia considerável, mas, pouco a pouco, consigo arrancar-me de seu campo magnético. São dias de sofrimento. Sou dependente dela. Às vezes não estou longe de acreditar que estou ficando louco. Forço-me a ir para o telhado e a ocupar-me do jardim. Tornei a “visitar” Richard e Catia, isto é, a observá-los e segui-los com o binóculo e a falar com eles. Veja-se a que ponto cheguei. Alimento os pássaros, escrevo, faço faxina, passeio pelos apartamentos. Reencontro certa solidão.

A tensão diminui. Já não caio em minidepressão, desde que Sara não esteja em meu campo de visão. Ademais, ela também experimenta a necessidade de me tocar, sempre por uma boa razão; segura em meu braço, descansa as mãos em meu ombro, nossas mãos entram em contato quando lavamos louça, e percebo bem que ela insiste nisso tudo um pouco mais longamente que o necessário. Há entre nós um maravilhamento de que não nos cansamos.

Seus cabelos se agitam quando ela caminha, e, quando ela fala, aparecem-lhe covinhas no canto da boca. Um ser humano é um aparecimento extraordinário; espero não esquecê-la jamais. Somos fantasmas irrealis de nossa realidade.

O perigo não é a única razão de minha relutância à ideia de sair. Há outra, menos nobre: tenho medo de que Sara encontre outras pessoas (falando claramente: outros homens) e me abandone. Meu estatuto de prisioneiro conforta minhas neuroses e minhas angústias. Estar encerrado num apartamento é, afinal, o sonho que acalentei por toda minha vida. Estar enclausurado com uma mulher é para mim um ideal. Viver com autossuficiência. Seria belo demais e seria a insanidade. Temos de partir não para encontrar algo que comer, nem para nos abastecer de gás ou de velas, mas, principalmente e acima de tudo, para não viver isolados e para não ficar loucos e não nos destruir lentamente.

Imagino que um dia dormiremos juntos. Parece lógico. As curvas do corpo dela e a doçura de seus sorrisos atizam meu desejo. Adoro a maneira como seus cabelos presos lhe acariciam a nuca. É mais belo que um pôr do sol. Descubro-me tão sentimental quanto meus romances: sou um de meus personagens e tenho, enfim, a impressão de ser eu mesmo.

Dormiremos juntos porque somos os dois únicos seres humanos das redondezas. E para nos lembrar das sensações, para ver o que isso produzirá; para ver se isso terá como consequência o reforço de nossa posição contra os zumbis, a afirmação de nossa diferença, de nossa humanidade. As pessoas fazem amor para selar uma aliança e para lutar contra o resto do mundo.

Pegamos um colchão em outro apartamento e o colocamos perto do meu; estão entre nós alguns livros e uma garrafa d'água. Durante a noite, falamos de nossas vidas passadas e de nossa sobrevivência desde o começo dos acontecimentos. Preparamos as refeições. Ela me ajuda a recolher água e a encontrar comida. Há uma evidência entre nós. Não pensava que seria tão fácil viver com alguém depois da loucura dos últimos meses.

Estou ficando apaixonado. Conheço-a há apenas poucos dias e estou apaixonado. Pergunta: estou apaixonado por ela porque é a única mulher acessível? Nós nos entendemos, mas a base de nosso entendimento é uma convivência verdadeira ou está ligada à nossa situação? Acredito que esteja tudo misturado. Não nos entendemos porque estamos sozinhos, mas porque somos sobreviventes. É um ponto em comum importante, que revela algo de nossa história e de nossa relação com o mundo e com os outros. Não há acaso. Estávamos acostumados a estar em minoria; éramos sobreviventes antes que os zumbis massacrassem a humanidade.

Tento impressioná-la, fazê-la rir e mostrar-lhe meus talentos culinários. Ponho mais cuidado em me vestir, em me banhar e em arrumar os cabelos. Quanto a Sara, ela se depilou, muda de penteado e se veste com as roupas retiradas dos apartamentos do prédio.

A reserva de café não é a única a dissipar-se a olhos vistos: as velas também. Passamos as noites compartilhando nossas reflexões sobre os zumbis. São nossos inimigos tanto como nosso objeto de estudos. Aquilo que eu pensava comigo — e apenas para mim — ganha outro relevo quando o explico a Sara.

— Estava na hora de parar — disse-lhe diante de um jantar em forma de bandeirão (sardinhas em lata, feijões-vermelhos, biscoitos, compota de peixe) na mesinha entre nossas duas camas. As épocas empilhadas umas sobre as outras, sem que se tenha tempo de digeri-las, de compreendê-las. Isso havia de romper-se. Era inevitável.

— Não acredito na fatalidade — respondeu com olhos docemente zombeteiros.

A contradição: que felicidade! Sentia falta disso. Alguém que, finalmente, não está de acordo com minhas construções intelectuais, muito bem erigidas, bastante arquitetadas. O início da noite começa com discussões, iluminadas por luz de velas, cercadas de sombras que se movem como crianças em torno de uma fogueira. E, efetivamente, é a floresta

negra o que nos cerca. Gostamos de trocar teorias, mas sei que isso é antes de tudo um pretexto para estarmos acordados, para nos observar, para estarmos juntos o maior tempo possível.

— Em sua opinião, é realmente uma coisa boa o fato de termos sobrevivido? — perguntou-me certa noite.

— Objetivamente, minha situação é menos dramática que antes.

— A minha também.

Caímos na gargalhada. É a volta do humor também, um fogo que nos reaquece e nos protege. Quando brincamos, tenho a impressão de que nos damos mutuamente uma energia que os monstros lá fora não poderão jamais extinguir. Nossa vida é interessante porque Sara e eu vivemos sob o olhar um do outro. Isso muda tudo. Meus dias reencontraram densidade, certa onda carnal.

Mais que lamentar o passado e chorar, aceitemos a realidade. É nosso mundo, e nosso único dever é amar. Pouco importa se ele não é amável: amemo-nos por estratégia, para não esburacar nossos estômagos com uma úlcera. Lamento não ter compreendido isso anos atrás: no caos e nas dificuldades da sociedade, criei um mundo ideal porque só existia aquele.

— Você não tem medo? — perguntou-me Sara num fim de tarde, quando observávamos o carrossel dos zumbis e bebíamos vinho na sacada.

Tinha acabado de lhe apresentar Richard e Catia (ela os saudou com uma simpatia sincera, agitando a mão).

— Agora não.

— Você não tem medo deles porque está fechado neste apartamento de terceiro andar. Será diferente quando caminhar entre eles, quando estiver na cidade.

— Não vou sair.

— Não temos escolha. Praticamente já não há gás nem velas. E faltam-nos conservas de carne e de peixe.

Ela tem razão, e eu não gosto disso. Quero que fiquemos aqui; os zumbis estão embaixo de nossa casa e não podem atingir-nos. Sara me disse que eu não me preocupasse. Perguntei-lhe se ainda tomava seus remédios. Ela retirou um estojo de tecido vermelho e, sorrindo, agitou-o:

— Não, mas mantenho umas reservas para o caso de necessidade. Além disso, seria prudente que você se exercitasse.

Eu ri, mas ela estava séria. Segundo ela, a monstruosidade dos zumbis era tal, que era ilusório (no momento) sair e manter a calma. Sem ajuda, era o pânico garantido e, então, a morte. Vamos habituar-nos, mas isso vai levar anos. De seu estojo, Sara retirou uns betabloqueadores. Confiei nela: tem mais experiência que eu nesse assunto. Um pouco de exercício não seria inútil; nunca havia tomado betabloqueadores, não sabia como ia reagir, e era melhor que não me apercebesse disso diante dos zumbis. Por uma semana, tomei meio comprimido; depois passei a um inteiro. Na primeira vez, senti-me tão bem, que teria deixado um zumbi devorar-me. O mundo podia ruir que eu não estava nem aí. Adormeci. Precisei de alguns dias para administrar as manifestações da droga em meu cérebro; não me deixar levar, mas aproveitar-me da sensação de segurança para agir

calmamente e com toda a consciência.

Exercitamo-nos em caminhadas, em evitar golpes, em portar uma arma, em manter a posição por longos minutos. Os betabloqueadores mudavam minha relação com o mundo; eu tinha de reaprender meus gestos e a maneira de movimentar o corpo.

Ensinei Sara a atirar no lugar exato do crânio deles que os leva à morte.

Sara me ensinou a desorientá-los. Eles nos detectam graças ao barulho, aos cheiros, à visão. Ela mandou minhas camisetas sujas para os zumbis. Eles se aproximaram delas como se fossem um bolo irresistível. Ela mandou outra de minhas roupas, desta vez coberta com pimenta e perfume. Os zumbis não demonstraram nenhum interesse.

Teremos um artil quando sairmos: tecidos impregnados de nosso cheiro que jogaremos longe se os zumbis se aproximarem de nós. Estaremos perfumados para mascarar as emanções de nossos feromônios. Teremos de calçar tênis e evitar que os objetos em nossos bolsos e bolsas se choquem e façam barulho.

Observamos a maneira de os zumbis se deslocarem. Anotamos todos os truques num caderno: é o nosso guia de sobrevivência.

— Temos sorte — disse-lhe eu. — Eles não aprendem com os erros. Podemos pregar as mesmas peças neles, que eles não encontram defesa para elas.

— Não aprendem ainda — disse Sara.

Nosso inimigo é uma maior confiança no conhecimento que temos de nosso verdadeiro inimigo. Há que esperar surpresas.

Reforçamos nossas roupas. Costuramos forros nas calças, limpamos e recarregamos as armas. Estamos prontos. Tanto quanto se pode estar.

Um botijãozinho de gás, três velas, um saco de descafeinado, chá em sachês (para jogar fora, segundo Sara), comida para quatro ou cinco dias: as reservas estão vazias.

Encontro Sara, que lê no telhado (um de meus livros! A teoria dos apaixonados solúveis), vestindo shorts jeans e um chemisier, com traços brancos de filtro solar nas pernas. Está com os pés nus, os olhos escondidos atrás dos óculos de sol; os cabelos acaju cobrem seus ombros. Sinto um tremor de desejo. Detenho-me por um momento; tento não encarar suas formas. Agacho-me ao lado dela e digo-lhe que estou pronto para sair. Ela levanta os óculos de sol até a testa e se abana.

Marcamos a partida para esta quinta-feira. Sem dúvida que, sabendo que vamos deixar o apartamento, autorizamo-nos a fazer amor. Em todo caso, a imitar os gestos. Isso acontece naturalmente, como uma tensão que se dissipa. Ela escorrega para minha cama, nós nos beijamos, acariciamo-nos. Ao fim de uma hora, acontece uma ereção. Sara pega meu órgão e o introduz em si. Não me mexo; nem ela. Permanecemos encaixados por vários minutos; estamos quentes, úmidos e felizes. Não gozo, e, pouco a pouco, meu órgão amolece. Dormimos um encostado ao outro.

Esta noite, o sol se põe derramando uma pintura laranja no céu. Sara e eu tomamos uma taça de vinho na sacada. Cerca de vinte zumbis grunhem lá embaixo. Mais adiante, no bulevar, uma dezena de outros caminha em câmera lenta. Eu pensava que eram nossos inimigos. Sara tem outra visão das coisas:

— São nossos predadores.

Com efeito, somos o gado deles, não seus adversários. Não estamos em pé de igualdade. Isso me foi um convite à humildade.

É difícil imaginar que dois seres frágeis e enfiados no computador o dia inteiro tenham capacidade de se virar. E, contudo, aqui estamos nós, vivos, enquanto os outros estão mortos. Para os que estão acostumados a imaginar enredos, a criar personagens, a sobrevivência é a coisa mais confortável, pois esse já é o seu cotidiano: fazer sobreviverem seres de papel e dar-lhes uma existência que valha a pena. Quanto a Sara, ela ajudava os outros, defendia-os. Foi confrontada com as feridas do corpo e da alma, encontrou criminosos e vítimas. Estava com a intuição sempre desperta. Mesmo que não estejamos conscientes disso, temos nossos saberes e astúcias que vão ajudar-nos a sobreviver. Temos em nós algo de sólido, de seguro e de astucioso. Estes talentos ocultos nos ajudarão quando tivermos deixado o apartamento.

Milhões de gatos espreitam os dois ratinhos cinza. Será o tempo de nos infiltrarmos: queremos queijo.

Segunda-feira de manhã, nove horas. Faço um xis vermelho no calendário. Nosso objetivo: reabastecer-nos. Há um Monoprix no bulevar, um pouco mais para o oeste. Já tinha passado ali antes dos acontecimentos para comprar uma garrafa de vinho quando ia a uma festa de noite.

Vestimo-nos com nossas roupas reforçadas. Não nos falamos; cada um sabe o que deve fazer. Pegamos uma mochila e uma bolsa a tiracolo guarnecida com uma garrafa d'água e uma lanterna de dínamo (não sabemos quanto tempo durará a expedição, e será necessário que nos iluminemos nos lugares sem janelas). Sara enfia um comprimido betabloqueador em minha boca.

Subimos para o telhado. O vento sopra em nossos cabelos. Pulamos para o telhado do prédio vizinho. O céu azul-profundo me dá a sensação de morar num mundo de beleza. A felicidade está aqui, retomou seu lugar em meu olhar. Procuro manter os olhos longe da altura. Caminhamos muito rapidamente, temos um objetivo. Prosseguimos pelos prédios. Após dez minutos de corrida, chegamos àquele cujo térreo abriga o supermercado.

Sara força a porta do telhado com uma barra de ferro. Descemos, mantemos a espingarda e a lanterna à frente. Oito andares. As solas macias de nossos sapatos impedem que nossos passos ressoem. Não é um prédio residencial, mas de escritórios e de depósitos. Tendo chegado lá embaixo, estamos diante de uma larga porta marrom.

Que vamos descobrir?

Empurro-a com uma precaução infinita, com o ouvido aguçado. O caminho está livre: um corredor de cerca de trinta metros de comprimento, com — na quarta parte do caminho, do lado direito — uma grande porta que dá para um pátio. Eu passo primeiro, inclino a cabeça: caminhões estacionados, caixas de papelão no chão, em desordem. Era dali que eram feitas as entregas. Fecho-a para evitar que os zumbis nos peguem pelas costas. Cada um de nós acende a lanterna, e continuamos a avançar até o corredor. Há certa tensão no ar por causa da escuridão e de nossa chegada iminente ao supermercado. Tendo chegado ao fim, não nos movemos por um minuto, em guarda, com os sentidos em alerta. Passo a cabeça pela abertura. Está tudo calmo. As prateleiras se espalham na penumbra. Impossível saber se o lugar é seguro. Entramos.

Os zumbis se precipitarão sobre nós se entrarmos em pânico. Poderemos matar alguns, mas rapidamente a quantidade nos submergirá. Com um pouco de sorte, poderemos fugir.

Posso contar com Sara para me cobrir. Eu estarei lá por ela. Tínhamos prometido que não nos arriscaríamos a morrer para salvar o outro, mas sei que não manteríamos essa promessa. É impossível continuar a viver se o outro já não estiver aqui. Vou cuidar para permanecer vivo, pois não quero que Sara morra por causa de minha morte.

Está bastante claro. Um carro se chocou contra a vitrine coberta de cartazes de promoção. O esqueleto do motorista está estirado sobre o volante. Graças a esta abertura, a luz do dia ilumina o supermercado. Avançamos e damos a volta pelas prateleiras, ainda inteiramente cheias. Em certas partes, latas de conserva e pacotes estão espalhados pelo chão. Sara detém-se e recua dois passos. Eu a tomo nos braços. É um esqueleto em que

ainda estão presas roupas e cabelos. Encontramos seis outros. Homens e mulheres esmagados no pânico do início e que tiveram assim a sorte de não ser transformados em criaturas.

Um trotar, movimento. Sara me faz um sinal para que eu não me mexa. Meu coração não se acelera, estou preparado, não estou em pânico; preparo-me para voltar para onde viemos e para subir os oito andares de quatro em quatro degraus. Passos rápidos, como os de um grupo de crianças: demasiadamente rápidos para ser dos zumbis.

Aparece um cão, depois dois, três, quatro, cinco. Vira-latas e cães de raça; um galgo parece ser o líder da matilha. Ele rosna. Permanecemos imóveis. Além de espingardas e revólveres, pegamos armas brancas, sprays de pimenta. Deslizamos uma mão em direção a nossas armas, Sara saca uma faca longa, e eu, o spray. O galgo mostra os caninos; rosnando, avança. Sara e eu levantamos as mãos armadas. É uma relação de força. Nossa calma o impressiona. Ele baixa a cabeça e a vira. Vai-se, seguido dos outros cães. Os zumbis não são o único perigo.

Abrimos as bolsas, a pausa não durará. Rapidamente passamos pelas prateleiras: velas, sabão, pasta de dentes, álcool 90°, latas de sardinha e de atum, patês, conservas de frutas e de legumes, frutas secas. Serão necessárias muitas viagens. Vasculhamos o supermercado de cabo a rabo. Os animais rasgaram os pacotes de salgadinhos; o setor do açougue foi devorado. Atrás dos vidros das geladeiras e dos congeladores, os legumes congelados e os pratos preparados emboloraram de tal modo, que estão cobertos por massas brancas e verdes de cogumelos fibrosos e espumosos como a lã.

No setor de pintura, ambos pegamos um aerossol e escrevemos uma mensagem no chão e na parede: "Estamos vivos." Anotamos a localização de nosso prédio e nossos nomes. Queremos encontrar outros seres humanos. Após nossa sobrevivência, esse é nosso objetivo. Apressamo-nos a voltar para casa. As bolsas estão pesadas, chegamos exaustos. Há com que nos mantermos por quinze dias.

Fazemos uma segunda viagem para trazer mais comida. Mas, no momento de entrar no supermercado, ouço um murmúrio. Entreabro a porta: zumbis. Os cães os avisaram. Nós os observamos, eles esperam como estátuas de cera. Partimos com leveza. No futuro, isto será uma regra: nunca voltar a um lugar já visitado.

Agora, não há um só dia em que não saímos. Visitamos os prédios adjacentes, carregamos tudo o que há para comer e para beber. Começo a adquirir uma verdadeira familiaridade com o exterior. Sinto-me à vontade ali. Deixamos nossa mensagem nas paredes e nos telhados: "Estamos vivos." Fizemos breves incursões na rua, e reencontrei a sensação de ser livre. Os zumbis são as sombras. A prudência era nossa regra; tornou-se arte. Dos telhados dos outros prédios, observamos partes da cidade que não tínhamos visto até o momento. Nada de novo: Paris está deserta e em ruínas. É uma cidade fantasma.

Tinha discutido isso com Sara, e parece-nos uma evidência: não vamos ficar nesta cidade morta. É claro que se pode sobreviver nela, mas para quê? Preparamos nossas bolsas para partir qualquer dia desses. Pregamos um mapa na sala. Iremos para o oeste, depois para o sul. Iremos ao encontro dos outros sobreviventes.

* * *

Volto ao telhado do prédio. As estrelas nunca foram tão visíveis e fortes. O céu está magnífico, a noite está clara e doce.

Digo-o a mim mesmo sem que meu coração se aperte: é o fim do mundo. Para qualquer lugar que olhe, tudo me leva a essa constatação. É impossível reverter o processo. É o fim do mundo, ou melhor, do mundo tal como nós o conhecíamos, tal como o havíamos domesticado e vencido.

Meu estado de espírito está perturbado porque nunca estive tão calmo. É o sentimento de uma felicidade incrível o que me domina. Do alto do telhado, observo a cidade abandonada, e meu coração bate lentamente, meus músculos estão relaxados. Estou em paz.

Houve etapas. No início eu estava espantado, deprimido, incapaz de deixar a poltrona, prostrado, à beira do suicídio. Mas passei por essas provas: sobrevivi. Valeu a pena.

Os zumbis se apossaram do mundo sem nenhuma estratégia além da satisfação dos instintos. Que lição dada aos homens, em particular políticos e militares, especialistas em golpes, em artimanhas e em organização! Foi a raiva assassina o que venceu, o desejo de alimentar-se e de ocupar o espaço: noções primárias e eficazes. Talvez, se tivéssemos guardado o laço com nossos próprios impulsos vitais, talvez, se nossos desejos não tivessem sido atraídos por coisas derrisórias, se nossas paixões não estivessem aninhadas em objetos de consumo, em carros, em aparelhos eletrônicos e em roupas, talvez tivéssemos tido audácia e astúcia suficientes para resistir e para salvar-nos.

As certezas arrogantes de nossa espécie permitiram que um inimigo inesperado nos reenviasse à pré-história. Não houve catástrofe lenta, decomposição, apodrecimento. Nosso mundo ficou sob o domínio dos zumbis num piscar de olhos.

A natureza precisou de tempo para produzir um adversário à nossa altura. Os tigres-dentes-de-sabre, a peste, a gripe e a AIDS não tinham conseguido aniquilar-nos. Por fim, a natureza nos eliminou com a ajuda de versões monstruosas de nós mesmos. Eu sempre

soube que os homens desapareceriam sob um céu irônico. Além disso, deve dizer-se: os mortos-vivos são mais civilizados que nós. O ar é menos poluído; os animais são respeitados.

Não acredito que venha a nascer um homem novo. Seria uma ilusão acreditar nisso: continuamos uma ameaça para nós mesmos, somos cheios de desejos e de violência. Simplesmente temos, inscrita em nós, a consciência de uma adversidade eminente, sabemos que existem seres que nos superarão sempre em desejo e em violência. Por alguns séculos, enquanto os zumbis estiverem aqui, a humanidade terá um lugar que lhe permitirá sobreviver. Pois, afinal de contas, sei que os zumbis nos protegem de nós mesmos: já não nos massacraremos enquanto tivermos um inimigo comum. Já não há necessidade de comunistas, de judeus, de árabes, de inimigos pré-fabricados. Depois? Veremos. Talvez seja necessário inventar sucessores para eles.

Não resta dúvida: como espécie, sairemos desta. Os primeiros homens a ver o fogo devem ter-se assustado, mas pouco a pouco se acostumaram. Aprenderam a prudência, a não se queimar, a não desencadear um incêndio, e compreenderam que podiam utilizar as chamas. Não podemos vencer os zumbis. Podemos apenas vencer o medo que eles nos inspiram. Os zumbis são uma força inexorável de que nos servimos em nosso benefício: tornarmo-nos seres um pouco melhores. Eles são o fogo que nos permitirá criar uma civilização humilde e bela em sua fragilidade.

Volto para encontrar-me com Sara. No que me diz respeito, estou salvo. Já nada poderá matar-me.

Agradeço a Erin por estar em minha vida e torná-la tão bela, agradeço-lhe por ter tido a paciência de ler várias vezes este romance e tê-lo iluminado. Agradeço à minha melhor amiga, Adèle, irmãzinha sensível e alegre, sempre presente para o caso de golpes duros; obrigado por ser uma deusa tão impecável da gramática.

Agradeço a Lady Stardust e a Q. aquela noite em que se decidiu uma coisa importante. Agradeço a Marc Hou o telefone de emergência, agradeço a D. nossas trocas acerca do zen e da literatura; agradeço a Anne B. o apoio permanente.

Agradeço a Anne e a Guillaume, que me ofereceram um refúgio em Meritullinkatu (Helsinki), pelo tempo de corrigir os originais e recobrar forças. O apoio de vocês me foi precioso.

Agradeço a meus amigos, a meu irmão, à minha mãe, que ficaram no interior e cujo exemplo e existência me inspiram e me dão energia. Vemo-nos menos, mas o espaço e o tempo não são nada.

Agradeço a meus fantasmas por me acompanharem. Os mortos estão presentes, e sua companhia é agradável.

Agradeço a Jeanne, minha editora, delicada e determinada. Agradeço também a toda a equipe das Edições Robert Laffont.

Agradeço a Y. e a Audrey a leitura e os conselhos.

Agradeço a Jimmy Montrose, companheiro de aventuras, os cafés da manhã em nosso antro do Zazen Shooting Club.

Agradeço a Chris — arcanjo do fight spirit, nunca com pouca energia — o punk, os conselhos, a amizade e aquilo que nos aproxima: a coabitação em nosso coração de uma grande violência e de uma extrema doçura. Lutar e nunca perder a ternura.

Agradeço a todos os que formam a Via Láctea dos belos encontros.

Do alto de seu túmulo, gostaria de saudar Mary Shelley, a mais bela das mais belas; aquela que deu à literatura a possibilidade de sair dos trilhos e partir para a aventura. Sem *The Last Man*, este livro não existiria.

E como dizia um grande ancião: todas as histórias são histórias de amor.

Título Original
LA NUIT A DÉVORÉ LE MONDE

© Éditions Robert Laffont, S.A. Paris, 2012

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Edição Digital: maio 2014

A21n

Agarmen, Pit

A noite devorou o mundo [recurso eletrônico] / Pit Agarmen ; tradução Carlos Nogué. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2014.
recurso digital

Tradução de: La nuit a dévoré le monde
ISBN 978-85-8122-381-0 (recurso eletrônico)

1. Romance francês. 2. Livros eletrônicos. I. Nogué, Carlos. II. Título.

14-11139

CDD: 843

CDU:

821.133.1-3

Pit Agarmen nasceu em 1971. É filho de pai americano de origem finlandesa e de mãe francesa. Escreve romances sob o nome de Martin Page.